

CARNE: JK AO LADO DOS MEADORES DO POVO



Na hora da posse do sr. Guilherme Romano no cargo de presidente da COFAP, operários e estudantes realizaram, em frente à ABI, uma manifestação de solidariedade ao general Ururahy. Foi, ao mesmo tempo, uma manifestação de repúdio à submissão do governo às imposições dos Frigoríficos. (Leia, na 3ª página, reportagem sobre o problema da carne).

JURACI:

JÂNIO
SERÁ
DITADURA

(3.ª página)

ANO I — RIO, SEMANA DE 6 A 12 DE NOVEMBRO DE 1959 — N.º 37

NOVOS RUMOS

REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

«PRESENTE!» — responde o candidato nacionalista

Lott Atende Ao Povo e Assume o Comando



Os nacionalistas resolveram pôr um ponto final nas manobras dos políticos reacionários interessados em que a campanha eleitoral não se desenvolva em termos de luta contra o entreguismo. Milhares de pessoas se reuniram para pedir ao marechal Lott que assumisse o comando da campanha da sua candidatura. — (Leia reportagem na 3ª página).

O BRASIL RODA SOBRE PNEUS DOS TRUSTES

(O problema da borracha visto sob novo ângulo — reportagem na 6.ª página)

MARITIMOS PREPARAM GREVE NACIONAL

(8.ª página)



CARNE: Problema De Soberania

Não pode ser qualificado senão como uma vergonhosa capitulação o desfêcho dado pelo sr. Juscelino Kubitschek ao problema da carne, no que se refere à Presidência da COFAP. A conjuntura conscientemente criada pelo presidente da República em termos de ultimato para culminar com o pedido de demissão do general Ururahy Magalhães é fruto de uma situação de inegável gravidade — mas que encerra ricos ensinamentos para o povo.

Que lições contém a sonegação da carne às populações das grandes cidades do País, notadamente o Rio e São Paulo? Antes de tudo, com maior clareza do que em qualquer oportunidade anterior, evidenciou-se aos olhos do povo que são os grandes frigoríficos estrangeiros — três americanos e um inglês — que detêm em suas mãos os pontos-chave do abastecimento da carne. São eles que impõem os preços — preços de monopólio e não resultantes da livre concorrência. Dispondo de amigos ou servidores em influentes cargos públicos obtêm favores, leis, vantagens, impunidade — contra os interesses nacionais. Quando esse apoio interno não basta, mostram as jarras: à sua retaguarda estão os próprios governos dos países de onde vieram e para onde exportam os polpudos lucros que extorquem ao povo brasileiro.

Ninguém preconiza para quem quer que seja uma orientação comercial que implique em prejuízos, ou ausência de remuneração para o capital investido. Mas, será disto que se trata, no caso da carne? Não.

Os estudos feitos pela COFAP, único testemunho autorizado sobre o assunto, porque do Poder Público, revelam a desnecessidade do aumento. Aos preços atuais, criadores, marchantes, frigoríficos, retalhistas têm lucros pelo menos compensadores.

De que se trata, então, essencialmente?

«...o problema é de soberania do Brasil» — disse, sem mais rodeios, o general Ururahy Magalhães, que se mostrou íntegro e fiel aos interesses populares, como pode ser comprovado por este fato: durante todo o período em que esteve na Presidência da COFAP não aprovou um só aumento de preços.

Ao novo presidente da COFAP, os representantes dos trustes já declararam que «sem aumento não haverá carne». Significará que o aumento será concedido e a carne sonegada voltará aos açougues como que por encanto? Ou que o sr. Romano terá a mesma coragem de defender a bolsa e a saúde da população — e nesse caso a carne continuará ausente e as vaias ao sr. Kubitschek, essas irritantes vaias, continuarão presentes?

Entretanto, o governo, que se recusou a intervir nos frigoríficos, mas permitiu que os frigoríficos intervissem nele próprio (destituindo um alto funcionário, como o general Ururahy), não deve supor que o povo é necessariamente o lado mais fraco, para o qual deve desaparecer. E se o povo, por sua vez, não aprovar o aumento?

AS BANDEIRAS DO GRANDE OUTUBRO SÃO AS BANDEIRAS DO NOSSO SÉCULO — Os trabalhadores e as pessoas progressistas de todo o mundo festejam o 42º aniversário da Revolução Socialista de Outubro, marco inicial da época em que vivemos: da vitória do socialismo e do comunismo. — (Lêr na 3ª página).

OPERÁRIOS VÃO DECIDIR SOBRE:

- 1) - Direito De Greve
- 2) - Previdência Social
- 3) - Problemas Nacionais

(Na 5.ª página, reportagem sobre a preparação da II Conferência Sindical Nacional)

URSS 1960

MOSCOU (Max Leon, enviado especial de "L'Humanité") — O Soviet Supremo da União Soviética, constituído de duas câmaras — o Conselho da União e o Conselho das Nacionalidades — abriu sua terceira sessão no dia 27 de outubro último, às 11 horas, no grande palácio do Kremlin.

Numerosos diplomatas e jornalistas estrangeiros, nas tribunas que circulam a grande sala branca, revelavam interesse justificado em virtude da importância da reunião. Pode-se sintetizar os debates travados com a afirmação de que a assembleia soviética pretende desenvolver os objetivos previstos anteriormente para 1960, aumentar as dotações para as obras de paz e reduzir as despesas com a defesa.

As duas câmaras aprovaram separadamente, antes da reunião plenária, uma ordem-dia de seis pontos:

- 1) O plano para o desenvolvimento da economia nacional soviética em 1960.
- 2) O orçamento para 1960 e o exame do orçamento deste ano.
- 3) O projeto de lei que es-

tabelece os direitos, em matéria orçamentária, da URSS e das repúblicas soviéticas.

4) O projeto de lei sobre a convocação dos deputados ao Soviet Supremo.

5) A situação Internacional e a política exterior da União Soviética.

6) Os decretos do presidente.

4% ACIMA DAS PREVISÕES

Alexis Kossyguine, vice-presidente do Conselho de Ministros, apresentou o Informe sobre o plano de 1960: Garbusov, vice-ministro das finanças, o relatório sobre o orçamento. A atmosfera era de otimismo. Os deputados expunham, sobre todas as mesas, fotografias enviadas do cosmo pelo Lunik III. Os jornais publicavam, em detalhe, notícias sobre os feitos extraordinários da nave cósmica M.A.S., iniciais de "Automaticheskaja Mejlplanetnaia Stantsia", ou estação automática interplanetária.

Os oradores anunciam novos êxitos na competição pacífica e na construção do comunismo. Cifras e porcenta-

gens dizem que os soviéticos vão viver melhor em 1960, os impostos novamente baixarão, as despesas militares diminuirão em percentagem, os créditos para a construção e a saúde, a instrução e a ciência serão consideravelmente aumentados.

Kossyguine começa seu Informe fazendo um balanço do que foi realizado e ainda o será durante o presente ano, em que o plano de produção industrial — químico para alguns observadores ocidentais — será ultrapassado em 4%. Apesar do mau tempo, a colheita de trigo e de beterraba e outros produtos agrícolas é superior à colheita média dos cinco últimos anos.

Esses êxitos demonstram que as decisões do XXI Congresso do Partido serão realizadas, permitindo mesmo aumentar os índices primitivamente fixados para 1960 pelo plano setenal.

OS OBJETIVOS DE 1960 SERÃO ULTRAPASSADOS

Em relação a 1959, a produção industrial aumentará 8,1%; a de aço para 65 milhões de toneladas; ferro fundido 105 milhões. As indústrias químicas e a indústria energética se desenvolverão ainda mais aceleradamente. A produção de petróleo aumentará 15 milhões de toneladas, chegando ao total de 144 milhões. As empresas de energia fornecerão ao país 91 bilhões de kwh, isto é, 11% mais do que durante o presente ano. Em 1960 começarão a funcionar na baía do Don as maiores empresas para a fundição contínua do aço.

As previsões para a agricultura são também impressionantes. Pretendem, por exemplo, — afirma Kossyguine — produzir 72 milhões de toneladas de leite, isto é, uma média de 336 quilos por habitante, ao passo que no ano passado os Estados Unidos produziram 330. As inversões de capital se elevarão a 255 bilhões e meio de rublos, isto é, mais de 25 trilhões de francos. Cerca de 4% desses capitais serão empregados nas regiões orien-

tais do país, as quais produzirão mais eletricidade e metais que toda a URSS há 10 anos.

MORADIA PARA 14 MILHÕES DE PESSOAS

Estas cifras, que revelam o futuro imediato da economia soviética, dão também uma idéia do bem-estar que se estenderá a todas as nacionalidades. Em 1960, a renda nacional aumentará 9%. E justamente nesse ano que se passará para o dia de trabalho de 7 horas em todos os ramos de atividade. Essa redução do dia de trabalho não se realizará com redução do salário: ao contrário, este será aumentado.

Em 1960 serão construídos 2.400.000 apartamentos, o que permitirá alojar cerca de dez milhões de pessoas. Trata-se apenas das obras nos centros urbanos. No campo, prevê-se a construção de um milhão de casas para cerca de 4 milhões de pessoas.

As trocas comerciais internas aumentarão 50 bilhões de rublos e seu valor global atingirá 765 bilhões de rublos.

Maiores facilidades serão concedidas aos escolares e aos estudantes. A URSS formará 119 mil engenheiros, isto é, 3 vezes e meia a mais do que os Estados Unidos em 1958.

O comércio exterior da União Soviética será também consideravelmente aumentado: 25% nos dois primeiros anos do setenário, isto é, 1959 e 1960. No ano que vem, a URSS prestará ajuda técnica para a construção de 383 empresas industriais e outras em 22 países diferentes, das quais 95 nos países subdesenvolvidos. Fornecerá novos créditos à Índia para a construção de centrais elétricas, usinas de máquinas-ferramentas, refinarias de petróleo, etc.

Será iniciada a primeira parte dos trabalhos para a barragem de Assuã, no Egito.

O orador manifesta a esperança de que as trocas com os Estados Unidos, Inglaterra, França e Itália melhorarão consideravelmente.

PRINCIPAIS DADOS DO ORÇAMENTO

Recelta:	772 bilhões e 100 milhões de rublos.
Despesas:	744 bilhões e 800 milhões de rublos.
Superávit:	27 bilhões e 300 milhões de rublos.
DISTRIBUIÇÃO DAS DESPESAS	
Economia nacional, setor social e cultural:	573 bilhões e 200 milhões, isto é, 6,3% a mais do que em 1959.
Defesa:	96 bilhões e 100 milhões, isto é, 12,9% do orçamento total.
Ciências:	32 bilhões e 600 milhões, isto é, 15,4% a mais do que em 1959.
Habituação:	47 bilhões e 700 milhões.
Característica dominante:	Todas as despesas são aumentadas, com exceção das despesas militares, mantidas ao mesmo nível. Os impostos não representam senão 7,4% da receita.

NOVA DIRETORIA DO CENTRO DO PETRÓLEO



Associados votam.

O Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (Avenida Nilo Pecanha, 12, sala 426) elegeu sua nova diretoria, que ficou assim constituída: Presidente de honra: Alm. A. de Moraes Filho, desembargador B. Moreira Lima, acadêmico J. M. Conrado Ribeiro (presidente da UNP), desembargador J. Pereira Sampaio, desembargador J. Patrocínio Galotti, general Leônidas Cardoso, senador Matias Olímpio, general Vicente Vasconcelos.

Comissão diretora: presidente, general Felício Cardoso; vice-presidente, col. Anderson Mascarenhas, deputado Campos Verral, col. Crocogrande M. Mendes, deputado Euzébio Rocha, gen. Eduardo Souza Mendes, engenheiros Edro Prado Lopes, Fernando Lobo Carneiro, e Hugo R. Reis, general H. Cunha, dr. Hélio P. Ferreira, José Mascarenhas Sampaio, col. Luiz Castro Afilhado, Moisés de Souza, dra. Maria A. T. Miranda, maior Napoleão Bezerra, Nilo Werneck, desembargador Osni Duarte, col. Paulo Hoppe, Rubens de Góes Paula, col. Salvador Beneditos, gen. Sampson Sampaio; secretário geral, prof. Henrique Miranda, 1.º secretário, col. Joselyn Brasil, 2.º

secretário, Pericles Lucena Costa, 3.º secretário, Domitila Pacheco Gonçalves, 1.º tesoureiro, Artur Ribeiro, 2.º tesoureiro, João de Barros, bibliotecário, Alberto Pizarro Jacobina.

Além de seus membros, o Conselho Consultivo é integrado por uma Comissão de Parlamentares, da qual fazem parte: senador Atilio Viacava, deputados Almir Afonso, Adal Barreto, Aurélio Viana, Aarão St. Imbrun, Barboza Lima Sobr., Bento Gonçalves, Baqueira Leal, Bocaiuva Cunha, Breno da Silveira, Celso Brand. Clidson Freitas, Coutinho Cavalcante, Domingos Velasco, Djalma Maranhão, Ferro Costa, Fernando Ferra, Fernando Santana, Hélio Ramos, Hélio Machado, José Mizanilla, José Serraz, José Joby, José de Castro, João Tabarico, Lício Heuer Neiva Moreira, Nogueira da Gama, Osmar Cunha, Osvaldo Lima, Ramon Oliveira Neto, Sérgio Magalhães, Seixas Doria, Selvaador Losacco, Silvio Braga, Temporani Pereira, Unifio Machado, Ulisses de Carvalho, Waldir Pires, Waldir Siqueira, Veradores Anibal Gouveia, Guilherme Malaguita, José Frejat, Mourão Filho, Waldemar Viana.

CASAS PARA 14 MILHÕES DE PESSOAS DIA DE TRABALHO DE SETE HORAS OS SALÁRIOS SERÃO AUMENTADOS VÃO SER REDUZIDOS OS IMPOSTOS



Uma família soviética na intimidade de seu lar

Fazendo a comparação entre o desenvolvimento da economia na URSS e nos Estados Unidos, Kossyguine observa que a União Soviética fundiu 10 milhões de toneladas de aço e mais durante os últimos dois anos, enquanto que os Estados Unidos levaram 12 anos para conseguir-lo.

MENOS PARA A DEFESA E MAIS PARA A CULTURA

Garbusov anunciou que vários organismos oficiais estão elaborando um projeto para a supressão de todos os impostos diretos pagos pela população, o qual será posto em prática durante os próximos anos.

Os créditos para fomento da economia e das atividades sociais e culturais se elevarão a 573 bilhões e 200 milhões de rublos, isto é, 6,3% a mais do que durante o corrente ano.

Ultimamente, a URSS re-

duziu suas forças armadas e suas despesas militares. Em 1960, os créditos para a defesa serão mantidos ao nível de 1959, isto é, 96 bilhões e 100 milhões de rublos. Em relação ao orçamento total, a porcentagem dessas despesas baixa sistematicamente. Em 1960, será de 12,9% contra 13,5% em 1958 e 19,4% em 1955.

Os créditos para as atividades sociais e culturais estão fixados em 547 bilhões e 400 milhões, isto é, há um aumento de 15 bilhões e 200 milhões em relação a 1959. Haverá um aumento de 15,4% nas dotações para o desenvolvimento das ciências.

REDUÇÃO DOS IMPOSTOS ATÉ SUA SUPRESSÃO TOTAL

O Informe apresentado por Vassili Garbusov sobre o orçamento de 1959 e o projeto de orçamento para 1960 ressalta que toda a economia da URSS está voltada para a edificação pacífica.

O orador anuncia que em 1959 o total da receita se elevará a 735 bilhões e 800 milhões de rublos e das despesas a 698 bilhões e 800 milhões. Em 1960, a receita deve aumentar para 772 bilhões e 100 milhões e as despesas para 744 bilhões e 800 milhões.

A maior parte da receita não provém de impostos e sim da economia nacional: mais de 700 bilhões de rublos. A percentagem dos impostos pagos pela população em relação ao total da receita será ainda mais reduzida no ano próximo e passará de 7,8% em 1959 para 7,4% em 1960. O valor absoluto dessa baixa dos impostos es-

OBJETIVOS ECONOMICOS

- Produção industrial global superior de 8,1% à de 1959.
- Aço: 65 milhões de toneladas.
- Petróleo: 144 milhões de toneladas.
- Eletricidade: 291 milhões de kwh. (O Oriente soviético produzirá mais metais ferrosos e energia elétrica que toda a URSS há 10 anos).
- Construção de 2.400.000 residências urbanas e 1.000.000 de casas no campo.
- Formação de 119.000 engenheiros, isto é, 3,5 vezes mais do que nos Estados Unidos em 1958.
- Dia de trabalho de 7 horas em toda a parte, acompanhado de um aumento do poder aquisitivo.

SOLIDARIEDADE AO POVO CUBANO

O deputado Salvador Loco-pronunciou na Câmara Federal, sexta-feira última, um enérgico discurso de protesto contra a intervenção norte-americana em Cuba. Disse o representante trabalhista de São Paulo que "há um rato morto encravado na garganta do imperialismo norte-americano, que este não consegue engolir, mas tampouco tem força bastante para expeli-lo: a revolução cubana". Denunciou a cumplicidade do Governo de Washington nos recentes bombardeios terroristas realizados em território cubano e afirmou que o povo e Governo brasileiros "devem fazer soar bem alto a sua solidariedade para com o povo e o Governo da valerosa 'Revolução Cubana' nesta hora em que o Governo de Washington ameaça passar de intervenção diplomática à militar".

Solidariedade dos Estudantes

PORTO ALEGRE (Do Correspondente) — A propósito da intervenção yanque em Cuba, o Movimento Estudantil Nacionalista do Rio Grande do Sul, divulgou uma nota em que "manifesta a sua solidariedade à luta que o povo cubano, através do governo revolucionário de Fidel Castro, trava contra certos grupos econômicos norte-americanos que chegam até a ar-

mar aviões com o objetivo de bombardear Havana". Sallenta ainda a nota que "esta posição dos estudantes nacionalistas gaúchos faz-se necessária quando se leva em conta que a luta dos povos latino-americanos tem as mesmas causas e procura alcançar os mesmos objetivos — emancipação econômica e política dos países deste hemisfério".

Confessa um Prêmio Nobel de Química:

Eu Tenho Medo!

A maior parte dos homens que iram adquirir fama no domínio da ciência atômica estudavam, entre 1924 e 1932, na pequena cidade alemã de Göttingen. Oppenheimer, o "pai da bomba atômica", estava entre os estudantes americanos que frequentavam a celebre universidade da província de Hanov. Lá também se encontrava Linus Pauling, cujo temperamento jovial era então legendário.

Pauling é hoje presidente do departamento de Química e de Química Industrial do Instituto de Tecnologia da Califórnia. É igualmente, diretor dos laboratórios "Gates and Crelling". Detentor do Prêmio Nobel de Química desde 1954, é um dos cientistas mais célebres: não só nos Estados Unidos como em todo o mundo. Embora não mais revele a exuberância da juventude, dele conserva o otimismo e o amor à vida: "Vivamos em um mundo maravilhoso — declarou recentemente. Adoro esse mundo, adoro os seres humanos, e adoro os animais. Amo as plantas, as estrelas, as montanhas, o oceano, os números, os cristais e todas as coisas do mundo".

É um humanista apaixonado pelas criaturas e pelas coisas. No entanto, tem medo. "Tenho receio de que esse mundo maravilhoso seja destruído". Fala com conhecimento de causa porque, melhor do que qualquer outro, conhece os efeitos do horror atômico. Somos os primeiros, na Imbrosia, a publicar trechos da

conferência pronunciada, a 5 de agosto último, pelo prof. Linus C. Pauling, para um público de cientistas reunidos no auditorio do departamento de ciências políticas e de economia política da Universidade de Hiroshima, Japão.

140 MIL CRIANÇAS DEMENTES OU ALEIJADAS

Após explicar que todo indivíduo herdado de seus pais, o gene, isto é, moléculas de ácido desoxirribonucleico que podem ser transformadas e degradadas (mutações) pelos raios X e, mais ainda, pelas irradiações de grande energia como as que se desprendem com a explosão de uma bomba nuclear, Pauling declara:

— Baseio-me em estimativas médias feitas por geneticistas de fama mundial e que estabelecem o número de crianças que nascem apresentando graves anomalias físicas ou mentais em consequência de alterações devidas às experiências até hoje realizadas com bombas nucleares. Esses cálculos, baseados exclusivamente nos produtos de fiação, indicam que 140 mil crianças apresentando graves anomalias físicas ou mentais nasceram ou nascerão em todo o mundo. Esses garotos, vítimas de doenças mentais, deverão viver em estabelecimentos psiquiátricos, ou, se atingidos por enfermidades como a condrodistrofia, serão anões". Os efeitos nocivos das radiações de grande energia sobre os genes não constituem o único perigo que ameaça a humanidade. Uma explosão nu-

clear provoca a formação do carbono 14, forma radioativa do carbono, naturalmente produzida nas regiões elevadas da atmosfera pelos neutrons desprendidos dos raios cósmicos. Sabemos que a partir de 1954 a quantidade de carbono 14 contida na atmosfera aumenta regularmente, à proporção de 2% por ano. O carbono 14 é absorvido pelo corpo humano, assim como o cálcio e o zinco. O carbono 14 é uma substância de longa duração: cerca de 8 mil anos — o que quer dizer que a humanidade será afetada, durante séculos e séculos, pelos efeitos do carbono 14 produzido até agora.

— Calculei — diz Pauling — que se a raça humana sobreviver e se o mundo não foi destruído, será de 1.250.000 o número de crianças que nascerão apresentando graves anomalias físicas e mentais devidas ao carbono 14 produzido pelas provas com bombas realizadas até agora.

1 MILHAO DE VITIMAS DE CANCER

Ainda não é tudo. Entre as substâncias radioativas desprendidas de uma explosão nuclear estão o célio 137, o iodo 131 e o estrôncio 90. Essas substâncias — da mesma forma, aliás, que o carbono 14 — provocam o câncer nos seres humanos. — A terra recebe constantemente da estratosfera o estrôncio 90 oriundo das experiências — diz Pauling. Penetra ele nos alimentos, em particular no leite, e, em seguida, (Continua na 2.ª página)

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
 Gerente — Guttemberg Cavalcanti
 Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
 Secretário — Frygona Borges
REDATORES
 Almir Moraes, Rul Facó, Paulo Motta Lims, Maria da Graça, Luis Ghilardini,
MATRIX
 Redação: Av. Rio Branco, 257, 1.º andar, S/1718 — Tel: 42-7344
 Gerência: Av. Rio Branco, 257, 1.º andar, S/908
 Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»
ASSINATURAS
 Anual Cr\$ 250,00
 Semestral .. " 130,00
 Trimestral .. " 70,00
 Aérea ou sob registro, despesas à parte
 N. avulso .. Cr\$ 5,00
 N. atrasado .. " 5,00..

CARNE: JK Ao Lado Dos Esfomeadores Do POVO

Em vez de intervenção do Governo nos Frigoríficos, houve intervenção dos Frigoríficos no Governo — Ururahy saiu por pressão dos trustes — Estudos oficiais provam que a carne pode ser vendida sem aumento

No fim da semana passada, o governo declarou-se enfim disposto a resolver o problema da carne. Era de se esperar, então, que fosse prestigiado o presidente da COFAP e se desse todo o apoio à intervenção que começava a se efetivar nos frigoríficos de São Paulo. Mas já ficou claro que não é assim que o sr. Kubitschek, assessorado por Pais de Almeida, Sette Câmara e Danilo Nunes, — notórios defensores dos frigoríficos — pretende "resolver" o problema. Sua "solução" foi simplesmente ceder à pressão dos frigoríficos e outros trustes interessados no afastamento do general Ururahy Magalhães e substituir o presidente da COFAP por um homem de sua confiança.

De nada adiantaram os esforços do general Ururahy na defesa dos interesses populares contra os ataques dos trustes donos do mercado da carne. Os estudos da COFAP, baseados em informações oficiais do Ministério da Agricultura e dos próprios pecuaristas de Minas Gerais, São Paulo e Bahia, mostram que o preço máximo que o boi gordo para abate alcançou até setembro deste ano foi 500 cruzeiros a arroba, inferior ao nível fixado de 530 cruzeiros pela COFAP. Para o governo, entretanto, é mais importante contentar os trustes, e foi nomeado para a presidência do órgão controlador de preços o sr. Guilherme Romano.

SOBERANIA NACIONAL
Desde os primeiros dias da gestão na COFAP do general Ururahy, vêm sendo feitas

pressões, às quais não foram estranhos o Catete, e o Itamarati no sentido de seu afastamento. Ao mesmo tempo, todas as medidas tomadas pelo general foram inteiramente boicotadas pelos outros órgãos governamentais de que dependiam, como a CACEX, o Ministério da Justiça e o próprio governo, como no caso da intervenção nos frigoríficos de São Paulo, que viria mostrar os lucros ilícitos dos trustes e a sonegação da carne que vêm fazendo.

Em sua mensagem de despedida da COFAP, o general Ururahy, depois de ter denunciado a ação dos trustes como o motivo fundamental de seu afastamento, diz que "além de todos os fatores que influíram na eclosão desta crise, o problema é, sobretudo e tristemente, um problema de soberania do Brasil". É a denúncia formal da pressão feita pelo Departamento de Estado americano sobre nossa embaixada em Washington e sobre o Itamarati para que fossem aceitas as imposições dos frigoríficos. É o desmarcamento da posição entreguista adotada pelo governo.

ROUBO DESCARADO

Durante o ano passado, os frigoríficos estrangeiros e dois nacionais (T. Maia e Cruzeiro) falsificaram sistematicamente as notas de venda para obter lucros ainda maiores. Declaravam nas faturas uma quantidade de carne 10% maior do que a que efetivamente forneciam e recebiam o pagamento se-

gundo a quantidade declarada, e não pelo que realmente entregaram. Este fato foi provado pelos fiscais da COFAP e consta dos relatórios apresentados ao presidente da República contra o aumento de carne.

Outra informação colhida em fonte segura da COFAP demonstra que, mesmo tomando como base o preço de 650 cruzeiros a arroba, como querem os frigoríficos e grandes investidores, o custo real da carne para o consumidor seria de 45 cruzeiros o quilo. Isto supondo que os frigoríficos só aproveitassem do boi a carne, o que é inteiramente falso. Mesmo assim, teriam um lucro de 17 cruzeiros, se a carne fosse vendida a 62. Mas o estudo a que nos referimos sugeria que a carne fosse tabelada a 76 cruzeiros, o que daria um lucro de 21 cruzeiros aos frigoríficos e açougueiros por cada quilo de carne. Chamamos a atenção, contudo, para o fato de que os frigoríficos obtêm lucros muito maiores com o aproveitamento do sangue, dos ossos, das vísceras e outros subprodutos do boi, além do aproveitamento dos daninhos para enlatados. E note-se que este estudo foi realizado durante a gestão do coronel Mindelo na COFAP, o que o torna inteiramente insuspeito.

CALAMIDADE PÚBLICA

O governo está disposto, ao que se informa, a declarar a situação do abastecimento da carne como de calamidade pública. O que é, entretanto, esta calamidade e quem são os responsáveis por ela? Quanto a isto não diz o governo, desde o presidente Kubitschek até o sr. Guilherme Romano, atual presidente da COFAP, uma só palavra. O sr. Romano, contando com todo o apoio que foi negado ao general Ururahy "propôs" aos frigoríficos que estes restabelecessem o abastecimento e depois então seriam iniciadas as negociações. Deve ser muito "loquaz" o sr. Romano para conseguir que os trustes da carne se tornem bonzinhos de uma hora para a outra.

O que ninguém trata de esclarecer, entretanto, é que a atual crise se deve fundamentalmente à ganância dos frigoríficos. Por exemplo, ninguém se dá ao trabalho de fazer com que os frigoríficos expliquem porque deixaram de cumprir a obrigação de constituir estoques para consumo na entressafra, apesar do Decreto-lei 9.883 prever inclusive multa de 1.000 cruzeiros por cabeça de gado abatido em excesso, em prejuízo do consumo no segundo semestre.

Outro ponto em que ninguém do governo toca, depois da demissão do general Ururahy, é o que se refere aos prejuízos decorrentes do abate excessivo de reses para exportação. Neste sentido, um trabalho da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo enviado ao governo mostra que foi a elevação muito maior dos preços da carne exportada em relação a carne para consumo no país que determinaram o aumento de 4,5 vezes no abate de vacas, em prejuízo do crescimento de nosso rebanho bovino. Mostrou a Secretaria que existe uma relação direta entre o abate de vacas no Brasil Central, que passou de 30% para 65% do gado total abatido entre 1955 e 1959, e a exportação de carne neste período.

Finalmente, é preciso lembrar que se por ventura existissem prejuízos para os frigoríficos no atual período de entressafra, no que diz respeito à carne para consumo no país, esse prejuízo seria extremamente reduzido e fartamente compensado pelos lucros enormes obtidos com a exportação de carnes, com o aproveitamento dos subprodutos do boi e com os ótimos resultados da venda de carne para consumo no país durante a época da safra. Desse modo, não há justificativa alguma para qualquer aumento do preço da carne. Se, entretanto, ainda resta alguma dúvida, perguntemos então por que o governo não prossegue a devassa nas escritas dos frigoríficos de São Paulo, que o general Ururahy mandou realizar?

AS BANDEIRAS DE OUTUBRO SÃO AS BANDEIRAS DO NOSSO SÉCULO

Os trabalhadores e as pessoas amantes da paz e do progresso em todo o mundo festejam amanhã o 42.º aniversário da Grande Revolução Socialista de outubro.

O Grande Outubro — assinalando a criação, pela primeira vez na história, de um Poder estatal dirigido pelo proletariado — representa uma das mais profundas reviravoltas ocorridas na marcha da humanidade para o progresso, a paz e a liberdade. Dirigida pelo seu Partido Comunista, a classe operária da velha Rússia derrubou o Poder dos capitalistas e latifundiários, libertou a sua Pátria da dominação dos imperialistas estrangeiros, e tomou nas próprias mãos o seu destino, fazendo da Rússia oprimida e faminta o primeiro país do socialismo.

Aos trabalhadores e ao povo russo cabe este mérito histórico incomparável: o de abrir à humanidade o caminho do socialismo. A obra iniciada pela Revolução de Outubro triunfa hoje numa grande parte do globo. Cêrea de um bilhão de pessoas se reúnem sob a vitoriosa bandeira de Outubro, em países que constroem ou constroem o socialismo. Formou-se um sistema mundial de Estados socialistas, baluarte invencível da paz e do progresso no mundo inteiro.

A Grande Revolução de Outubro converteu o socialismo em uma realidade viva de nossos dias. O socialismo não só foi ou está sendo construído em numerosos países, como ainda se constitui numa força de atração irresistível para os povos de todos os países que se encontram ainda sob o capitalismo ou gemem, nas colônias ou semicolônias sob o jugo dos imperialistas. Milhões de pessoas simples se convencem, cada dia com maior segurança, de que o socialismo é um tipo superior de organização da sociedade, que, ao assegurar um ritmo até então desconhecido de desenvolvimento das forças produtivas e um crescimento incomparável de todos os valores materiais e culturais, conduz à felicidade e ao bem-estar de todos os homens. A superioridade do socialismo sobre o capitalismo, se antes podia ser objeto de sofismas e tergiversações, é hoje uma realidade tão concreta e de tal envergadura que nenhuma campanha de calúnia e deformação pode encobrir. A Rússia atrasada e faminta dos tsares, em pouco mais de quatro décadas, conseguiu a primazia absoluta em importantes terrenos da ciência e da técnica, caminhando a passos de gigante para converter-se na maior potência mundial em todos os aspectos. A China oprimida e miserável de há dez anos, espanta o mundo pelo ritmo em que realiza a construção do socialismo, avançando rápida-

te para se colocar entre as maiores potências da Terra. E os demais países da Europa e da Ásia que tomaram os rumos do socialismo experimentam notáveis transformações, desenvolvendo-se impetuosamente.

A Revolução de Outubro inspirou e inspira todos os demais povos em sua luta pela paz, a independência nacional, a democracia e o socialismo. Para as massas trabalhadoras e populares das colônias e países dependentes, os exemplos da Rússia, da China e dos demais países hoje socialistas, iluminam e estimulam a luta pela sua libertação do domínio imperialista e seus serviços. O movimento de libertação nacional dos povos oprimidos pelos monopólios imperialistas encontra no campo do socialismo — fruto da Grande Revolução de Outubro — um poderoso ponto de apoio moral e material.

Toda essa profunda reviravolta histórica — expressão de leis objetivas do desenvolvimento social — teve o seu início a 7 de novembro de 1917, com a instauração do poder dos soviets na Rússia. A partir de então, viu-se a humanidade diante do avanço cada dia mais impetuoso do socialismo e da decomposição cada vez mais acelerada do sistema capitalista. Hoje, o socialismo é uma realidade concreta para cêrea de um bilhão de pessoas — a realidade que permite à URSS realizar a extraordinária façanha da conquista dos espaços cósmicos — e uma esperança luminosa para qual lutam outros milhões de seres, os que vivem sob o capitalismo.

A Grande Revolução de Outubro, dando lugar ao surgimento do sistema socialista mundial, abriu também à humanidade os caminhos da paz mundial. Graças à existência da URSS e do sistema de Estados socialistas, que levam à prática consequentemente a política leninista de coexistência pacífica, torna-se possível, em nossos dias, evitar que o mundo seja arrasado a novas conflagrações universais.

O capitalismo, sem dúvida, dispõe ainda de forças, podendo inclusive alcançar algumas vitórias parciais sobre o movimento democrático em um ou outro país e criar obstáculos, aqui ou ali, ao desenvolvimento progressista da sociedade. Mas esses êxitos, quando alcançados, são precários e passageiros. A grande verdade histórica de nossa época — a época da passagem do capitalismo para o socialismo — é que nenhuma força reacionária está mais em condições de barrar o avanço da humanidade para o socialismo e o comunismo.

As bandeiras destrafalhadas pela Grande Revolução de Outubro tremulam vitoriosas em todo o mundo. Estas são as grandes e invencíveis bandeiras do nosso século.



Uma das primeiras declarações do novo presidente da COFAP: estaria disposto a «conversar com os pecuaristas, investidores e marchantes». Essa conversa, no entanto, não deixou de apresentar prelúdio de significado histórico. Passando oficialmente o último fim-de-semana e os feriados que a ele se somaram no Palácio Rio Negro, JK despachou o secretário João Luiz à procura do substituto do general Ururahy.

Depois da criação do mundo, Deus descansou num domingo. Romano, o novo presidente dos tubarões da COFAP, resolveu descansar antes de resolver o problema da carne. O secretário João Luiz, assim, descobriu Romano em Corrêas, não longe do palácio de Petrópolis.

Que recado de JK levava João Luiz para Romano? Segundo lemos num jornal, o recado constituía categórica determinação: «Quero acabar com as filhas de carne de qualquer maneira. Quarta-feira não deverá haver mais fila». E assim aconteceu. Quarta-feira não havia mais fila, por falta de carne.

Por que saiu Ururahy da COFAP? Duas conversas telefônicas constituíram a gota d'água que fez o copo transbordar. A implicância de JK era com as filhas. A de Ururahy era com os frigoríficos americanos e ingleses e com os tubarões nacionais a eles associados. Houve, assim, uma conversa telefônica entre os dois presidentes, o da República e o da COFAP. Asseguraram os jornais (em sociedade tudo se descobre) que o diálogo se fez com «uma troca de palavras um tanto sérias». Depois de JK, Armando Falcão também ligou para Ururahy. Parece que a segunda conversa ainda foi mais séria. Ururahy abandonou o fone em meio ao diálogo, anunciou aos repórteres da COFAP sua demissão afirmando que «as forças poderosas dos trustes estavam agindo nos bastidores».

Aconteceu depois que JK assumiu pessoalmente o comando da batalha da carne. Fêz mais: nomeou um «responsável prático», o ministro do Trabalho; determinou o estabelecimento de uma «fiscalização móvel»; marcou reunião ministerial.

Romano, assumindo o cargo, disse, com muita desenvoltura, que não temia tubarões nem sardinhas. E demonstrando o destemor, fêz descer de Araguatuba um desses tubarões, o sr. Sebastião Maia. Segundo os sempre informados jornais cariocas, o tubarão Sebastião é dono de um frigorífico que, «sózinho, tem capacidade para abater 150 gados por hora». A confusão do coletivo «gado» com o «boi» singularíssimo é compreensível, na hora grave que atravessamos.

Finalmente, JK determinou o transporte aéreo de 150 gados por hora. Quem nunca viu um boi voar, terá agora a grande oportunidade. E Romano, confirmando a vitória das forças poderosas dos trustes, através do coronel Virgílio Távora, terça-feira, anunciava o aumento do preço da carne.

COMÍCIOS PRO-LOTT SÁBADO E DOMINGO

Os Comitês pró-candidatura Lott programaram os seguintes comícios de propaganda eleitoral para amanhã (dia 7) e domingo (dia 8):

Praça Serzedelo Correia, em Copacabana, amanhã, sábado, às 19 horas. Oradores: deputados Último de Carvalho, Sílvio Braga, Sérgio Magalhães e Lício Hauer, vereadores Celso Lisboa (presidente da Câmara Municipal) e Guilherme Malaquias, estudante Olinho Meireles (presidente da UNE), trabalhador Rui Guimarães (presidente do Sindicato dos Hoteleiros), drs. Fernando Sciavo e Valério Konder.

Praça do Café, domingo, às 19 horas. Oradores: deputado Waldir Simões e vereadores José Bonifácio e José Frejat.

Praça Barão de Drummond, em Vila Isabel, domingo às 19 horas. Oradores: deputados Celso Brant e Lício Hauer, vereador José Bonifácio, estudante Paulo Tótti (vice-presidente da UNE), professor Bayard Boiteux, trabalhador Hércules Correia Reis (secretário do Sindicato dos Textéis), jornalista Elza Soares Ribeiro e dr. Valério Konder.

Praça das Nações, em Bonsucesso, domingo, às 19 horas. Oradores: deputado José Joffily, vereador Rubens Cardoso, trabalhadores Adauto Rodrigues (presidente do Sindicato dos Alfaiates) e Vicente Alves (líder dos trabalhadores em cortume).

Praça do Trabalhador, em Padre Miguel, domingo, às 19 horas. Oradores: deputado Sérgio Magalhães, vereador José Frejat, trabalhadores Plínio Alves (presidente do Sindicato dos Sapateiros) e Giovanni Romita (presidente do Sindicato dos Gráficos).

Praça Barão de Taquara,

em Jacarepaguá (Praça Séca), domingo, às 19 horas. Oradores: deputado Bento Gonçalves, vereador José Romero Dantas, trabalhadores Elizeu Alves Oliveira (da Light), Euclides Batista (da Federação dos Hoteleiros) e Alcieri Caldoro (do DCT).

Praça do Meier, domingo, às 19 horas. Oradores: deputado Último de Carvalho, vereador Orlando Pacheco e Erasmo Martins Pedro, estudante Antônio Câmara (presidente do DCE), bancário Aluizio Páthano (presidente do Sindicato dos Bancários), ex-deputado Roberto Moreira e sr. Dalmo Gaspar (do DCT).

Praça 26 de agosto, em Inã, domingo, às 19 horas. Oradores: deputados Fernando Santana e Waldir Simões, vereadores Nilo Romero e Anibal Gouveia, ministro Fontes Romero (do Tribunal de Contas da PDF), trabalhadores Benedito Cerqueira (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos) e Alcirino Tavares (presidente da União dos Operários Municipais) e estudante Raimundo Nonato (presidente da UBES).

REATAMENTO

Assembléia de Mato Grosso Aplaud

CORUMBA (Do Correspondente) — Por proposta do deputado Francisco Barros Por Deus (PTB), a assembléia legislativa estadual aprovou em votação unânime; o envio de uma moção de congratulações ao presidente da República pela ida de delegação oficial à URSS para estudar as bases do reatamento de relações comerciais.

Lott No Comando Da Campanha

«Presente!» — respondeu o candidato nacionalista aos apelos do povo — Pontos de uma plataforma patriótica e democrática

Os comitês nacionalistas Lott-Jankó promoveram, na última terça-feira, na instalação do Comitê Central do DP (Av. Presidente Vargas) uma grande e entusiástica manifestação de apoio ao marechal Teixeira Lott. No ato foi entregue ao candidato nacionalista um manifesto assinado por todos os comitês do Distrito Federal condenando os conchavos dos políticos reacionários do PSD e pedindo ao marechal Lott que assumia, em definitivo, a direção da campanha eleitoral. Falaram no ato vários oradores, incluindo-se os deputados Sérgio Magalhães e José Joffily.

Agradecendo a manifestação, que transcorreu em meio a enorme entusiasmo, o marechal Lott pronunciou importante discurso ressaltando, dentre outros, os seguintes pontos: — Os recursos nacionais devem ser utilizados em benefício do povo brasileiro. Os frutos do trabalho e dos sacrifícios dos brasileiros não devem ser desviados para outros países que aqui empregam seus capitais.

— Nos entendimentos com outras nações devem ser levados em conta primeiro os interesses nacionais, quaisquer que sejam as suas consequências.

— A escola deve ser pública, essencialmente. A ajuda à escola particular deve ser unicamente através das bolsas de estudo.

— As conquistas até aqui alcançadas pelos trabalhadores devem ser mantidas e ampliadas, para que todos possam viver dignamente. A lei de previdência social deve ser logo aprovada. O direito de greve deve ser regulamentado de modo a garantir essa prerrogativa dos trabalhadores.

— A Petrobrás é Intocável.

As demais empresas estatais precisam ser consolidadas. Os nossos minérios atômicos devem servir unicamente aos interesses do Brasil.

— É necessário redistribuir as rendas nacionais a fim de que desapareça a disparidade econômica entre o Nordeste e a Amazônia e as demais regiões do país.

— Deve ser assegurada plena liberdade de expressão, com o respeito à honra alheia.

E respondendo ao apelo que lhe era dirigido pelo povo, declarou o marechal Lott: «Enquanto o povo brasileiro julgar que os meus serviços são necessários à Pátria, responderei sempre, em qualquer situação; presente!».

PAULISTAS LEMBRAM ATROCIDADES DE JÂNIO

SÃO PAULO (Da Sincursa) — Populares que formam o chamado Centro de Debates da Praça da Sé realizaram

um ato público comemorando os trágicos acontecimentos de 30 de outubro de 1958 quando, por determinação do então governador Jânio Quadros, foi violentamente reprimida pela polícia uma manifestação de protesto contra o aumento das tarifas dos transportes coletivos desta Capital, do que resultaram 6 pessoas mortas e 80 feridas.

Em homenagem à memória dos seis cidadãos covardemente assassinados pelos policiais de Jânio, foram colocados no chão velas acesas, em forma de cruz. Junto, foi afixado um cartaz com inscrições alusivas às violências de Jânio Quadros.

Quando os oradores relembavam a sangrenta repressão, o sr. Moisés Pereira («Gaúcho») foi detido e encaminhado à Central de Polícia e depois ao D.O.P.S. Foi solto, e seguida, graças aos protestos da Frente Nacionalista pró-Lott,

JURACI: JÂNIO SERÁ DITADURA

As vésperas da Convenção Nacional da UDN (sábado e domingo) são as seguintes as previsões parlamentares feitas em torno da disputa entre os sr. Jânio Quadros e Juraci Magalhães:

1) Jânio será indicado pela Convenção por uma maioria de cêrea de dois terços dos votos. Essa maioria se deve, principalmente, à atividade desenvolvida pelo sr. Magalhães Pinto.

2) Os governadores udenistas do Nordeste votarão no sr. Juraci, mas na sua maioria já comprometidos com o futuro apoio a Jânio.

3) Derrotado na Convenção, Juraci não insistirá em ser candidato, dada a absoluta inviabilidade do êxito de uma terceira candidatura. Mas não apoiará Jânio, em quem acaba de apontar, no documento «Rezões de uma atitude», o perigo de um governo autoritário, de desprezo pelos partidos e demais instituições democráticas.

Embora se fale muito em «evitar cisões», é evidente que a UDN não marchará unida em torno de Jânio. Sabe-se que muitos comitês udenistas do Nordeste não apoiarão Jânio. E em outros Estados são muitos os udenistas que estão dispostos a não votar num candidato estranho ao seu partido que é, além do mais, reconhecidamente um entreguista e um inimigo das liberdades democráticas.

SALVATORE QUASIMODO

Prêmio Nobel De Literatura

Salvatore Quasimodo, que recentemente obteve o Prêmio Nobel de Literatura, nasceu em Siracusa, Sicília, em 1901. Embora tenha começado a compor versos desde tenra juventude, Quasimodo tornou-se engenheiro civil e trabalhou em todas as regiões da Itália. Fixou-se em Milão, onde estudou letras como autodidata e colaborou na revista "Solaris".

de Florença, e Circoli, de Gênova. Foram publicadas em 1930 e 1936 suas primeiras plaquetadas: "Acqua e Terra", "Obus", "Sommer", "Odore di Eucalyptus", e "Erato e Apollonia".

Formado pela disciplina dos estudos antigos e de numerosas traduções, Quasimodo orientou-se desde logo para uma poesia erudita, trabalhada até o preciosismo, como a de

Montale, e que a filha também a Valéry. Verdade é que essa poesia difícil se destinava apenas a uma elite, mas, assim aconteceu com os nossos surrealistas, sua função não se limitava a causar prazer aos círculos eruditos; o mesmo preciosismo assumiu, na época em que Quasimodo escreveu, a significação de luta contra a vulgaridade do real e numerosos exemplos de obscurantismo. Sem chegar à denúncia, essa poesia traduzia, em todo o caso, a recusa a comprometer-se com uma ordem que o poeta não aprovava. Liga também aos clássicos gregos, como o grande poeta do século XIX, Leopoldo, do qual lembra certos tons de desespero. Quasimodo canta então a nostalgia de um habitante de Milão por sua Sicília natal. Certo é que Quasimodo ia fugia do hermetismo ao exprimir uma dor concreta e a poesia da Itália, cujas diversas paisagens povoam seus poemas.

Foi, porém, a experiência da guerra e da ocupação que imprimiu à sua obra a marca decisiva. A poesia não pode ser concebida como simples canto, e a palavra como pura música quando toda a Itália sofre:

Como poderíamos cantar,
Quando o pé do estrangeiro
pesava sobre nosso coturno,
[tradução]

Entre os mortos abandonados
[dos nas praias,
Sobre a arva endurecida pelo
gelo, aos quixotes
De cianças em lamento, como
[os cordeiros,
Aos gritos dolorosos e prolongados
da mãe,
Que se lança para seu filho,
[hoi,
Crucificado em um poste
[telegráfico?

Quasimodo não é mais o poeta que lamenta sua infância siciliana; traduz sua experiência de milaneses, sua poesia fala das lutas da resistência, fala da ocupação, dos sofrimentos e das esperanças dos homens. Tornase o poeta se o m p r o m e t i d o , para

GILBERT MOGET (França)

quem a vida não é um sonho, como afirma o título de uma coletânea de poemas publicada em 1949. Canta a Itália, canta a vida. É também a época em que se aproxima do Partido Comunista Italiano e se torna, nos sombrios anos da guerra fria, um grande poeta progressista.

Quasimodo tornou-se, recentemente, alvo da cólera da imprensa clerical por celebrar a magnífica proeza do povo russo, cujos cientistas conseguiram lançar em volta da Terra o primeiro Sputnik.

À NOVA LUA

No primeiro dia Deus criou
[o Céu e a Terra
Depois, continuando sua
[obra perfeita, colocou
também luzes no Céu

E no sétimo dia descansou.
Bilhões de anos depois, o
homem, feito à sua imagem
[e semelhança,
Sem nunca conhecer repouso

Com sua inteligência leiga,
Sem temor, em um céu sereno
[De uma noite de outubro
[colocou outras luzes

Semelhanças às que dançam
[vêm
Desde a criação do mundo.
[Amem.

É motivo de alegria o fato de se ter homenageado um poeta que soube libertar-se das tentações do



hermetismo para manter com a vida e a esperança. Quando se fala dos grandes poetas italianos do hoje, cita-se imediatamente, ao lado de seu nome, o de Ungaretti e o de Montale. O primeiro cogitou, porém, em um catolicismo conformista, ao passo que o segundo se mantém apegado a um individualismo, nobre e leigo, sem dúvida, mas sem contato decisivo com o mundo. Sem jamais ser autor de uma arte fácil, Quasimodo é o poeta que pretende manter uma convivência estreita com a evolução de nossa época.

"A TORTURA" — PROCESSO DO COLONIALISMO FRANCÊS

A editora Zumbi, de São Paulo, acaba de prestar um ótimo serviço ao público brasileiro lançando, numa boa tradução, o famoso livro de Henri Alleg — "A Tortura". Traduzida já em 15 línguas de diferentes países, era injustificável, continuasse inédita em português uma obra que é uma das mais graves denúncias da situação na Argélia.

prêsos e torturados até quase à morte pelas autoridades coloniais francesas na Argélia.

"A Tortura" é a história sem rebuços da conduta dos colonizadores franceses para submeter um povo bravo até o heroísmo. É a ata da acusação, o processo do colonialismo francês no seu ocaso inevitável. Merece ser lida para melhor conhecer-se tanta o povo argelino como seus algozes.

"A Tortura" apareceu no original francês em meados do ano passado. Apreendida a edição por ordem do governo francês, seu autor preso e processado, nada impediu que a obra ganhasse uma difusão e popularidade invulgares. Emocionou o mundo pela veracidade do terível quadro pintado por Henri Alleg, esse destemido jornalista franco-argelino, que não vacilou em enfrentar a



Henri Alleg, autor do "best-seller" "A Tortura"

ria das autoridades coloniais francesas para revelar a verdade sobre o domínio francês no Norte da África. O autor conta o que se passou com ele mesmo:

**DIVULGUE
"NOVOS
RUMOS"**

TEATRO

"Do Mundo Nada Se Leva"

É difícil andarmos em dia com os comentários de teatro, sendo nossa coluna semanal. Em épocas normais, entretanto, o atraso não se fazia sentir tanto, pois que, dificilmente, teríamos uma estréia por semana. Acontece, porém, que estes dois últimos meses foram pródigos em novo lançamentos, havendo mesmo, às vezes, mais de duas estréias semanais. Para cúmulo, sérios motivos de saúde determinaram o não comparecimento da seção de teatro no último número do jornal. Procuramos, contudo, obedecer à ordem de precedência nos palcos da cidade.

O "TABLADO", grupo dirigido e liderado por Maria Clara Machado, encenou a comédia de Kaufman & Hart "DO MUNDO NADA SE LEVA", tendo como figura principal a veterana e simpática atriz Maria Sampaio. Em algumas palavras de apresentação, René Clair é citado no programa: "Tenho nostalgia de um cinema que faça rir, que não tenda a provar o que quer que seja, não sustente tese e seja numa palavra — tão perfeitamente inútil como o rouxinol ou uma flor". Foi a orientação seguida pelo grupo ao encenar esta comédia. Quanto a nós temos nosso ponto de vista, quanto à utilidade da flor e do rouxinol. Assim também quanto aos motivos de riso. O humorismo da peça de Kaufman & Hart que, quando apresentado em filme há uns vinte anos, fez extraordinário sucesso já está, sem dúvida, bastante superado. As duquesas e outros exemplares da nobre fauna dos tempos dos tzares que, tocadas pelo sadio vento da revolução, se viram na contingência de lavar pratos em Paris e alhures, já de há muito não interessam a ninguém. E as referências aos planos quinquenais com intenções de ridicularizar a era dos Sputniks, Luniks, exêrctos de cabeças e corações e outras "brincadeiras" da ciência soviética, são de um anacronismo absurdo. Em todo caso, como tais referências são episódicas e feitas à guisa de anedota, sobre o que é a constante na peça: a intenção de provar que a vida é curta e que, para viver em paz cada um deve fazê-lo a seu gosto, sem interferir nas preferências dos outros elementos da família. Teoria simpática, um pouco anárquica, sem dúvida, e que dá origem realmente a algumas situações bastante engraçadas. O desempenho, de um modo geral, é correto, destacando-se, naturalmente Maria Sampaio e Maria Clara Machado, atrizes de maior experiência e executando-se Heloisa Guimarães no papel de Iogúnia e seu jovem galã — Guilherme Dieken — se não nos trai a memória, muito deficientes. No mais, parodiando o título, "da peça nada se leva". A não ser o benefício de duas horas leves, agradáveis, em que esqueçemo-nos — eis uma útil higiene mental — as filhas da carne, os preços que sobem, as lotações que atropelam...

ROTEIRO

Não deixem de ir ver "ELES NÃO USAM BLACK-TIE", pelo Teatro de Arena de São Paulo, Rua Siqueira Campos, 143 — entre o Túnel Velho e a rua Barata Ribeiro. No mesmo local teve início no sábado o Seminário de Dramatúrgia, Entrada franca. Recomendamos, O FESTIVAL DE TEATRO INFANTIL, continua aos domingos, às 10 horas. Encerrar-se-á no dia 15 de novembro vindouro. Outros espetáculos infantis estão sendo apresentados. Na Mesbla, no Copacabana e no Teatrinho de Bólo. Não sabemos o horário. Informaremos na próxima semana. E não esqueçam que o Teatro da Praça, São Jorge, da Matriz, João Caetano, Mesbla e Ginástico, apresentam cartazes que devem ser vistos. Ainda não assistimos ao Teatro de Bólo, O Pen Club apresenta, de segunda a sexta, o Festival do Novo Diretor. Até Novembro.

BEATRIZ BANDEIRA

V BIENAL

POLONESES E TCHECOS

EVA FERNANDES

Entre os países que se apresentam pela primeira vez na Bienal paulista, conta-se a Polónia, cuja participação programada para a IV Bienal não chegara a concretizar-se. É conhecida a posição diferenciada da Polónia no campo das artes plásticas; embora não sendo o único país do campo socialista onde a arte não figurativa encontra adeptos e, certamente, aquele em que as correntes artísticas abstratas têm recebido o mais amplo apoio, tornando-se mesmo a corrente artística mais importante. Enquanto nos demais países socialistas as artes plásticas procuram o caminho para uma nova expressão, expressão que traduza as novas condições sociais, o espírito de uma sociedade nova, enquanto, pois, na maioria dos países socialistas procuram esta arte nova sobretudo pelo caminho do figurativo, na Polónia, a partir de 1954 (e mais concretamente desde 1955-56) a arte não objetiva tornou-se a linguagem preferida. Continuam existindo, evidentemente, os pintores figurativos como também existem na União Soviética, na Tchecoslováquia e nos outros países socialistas, pintores da corrente abstrata, mas, enquanto nos outros países se procura transmitir uma mensagem clara, compreensível para o grande público, enquanto se procura chegar a uma nova arte que retome e continue as tradições humanísticas, os artistas poloneses são de opinião ser a arte abstrata mais condizente com a nossa época. Procuram, pois, exprimir as emoções, as preocupações do mundo moderno em imagens de cor e ritmo, contantes em que o público, que aceita o abstrato sempre que não for apresentado sob forma de quadro, buscará a compreender e aceitar essa arte.

Sabendo desta situação particular das artes plásticas polonesas, o público habituado da Bienal esperava, no melhor dos casos, uma exploração temperamental, uma enciclica ao ultranovo, uma imitação dos modernismos "ocidentais". E a surpresa foi grande quando se verificou ser a arte não figurativa polonesa algo mais do que uma imitação retardada e provinciana dos ditames da estética formalista. De fato, a arte polonesa possui uma tradição própria e o modernismo do século XX continua mantendo o vínculo com as tendências românticas, características dessa arte desde as lutas pela libertação da nação, no século passado. Nota-se que as correntes abstratas "puras", a abstração geométrica, parece ser estranha ao temperamento artístico polonês. Cultivam como diversos artistas e expressionismo-abstrato, como uma forma mais livre, mais adequada para dar expressão à sua interpretação de nossa época e não fazem do esteticismo puro ou seja da forma, a sua razão-de-ser.

Foi, portanto, feliz a escolha de tendências diferentes para a primeira apresentação da Polónia na Bienal de São Paulo. Temos 6 pintores de tendências não figurativas cada um de estilo distinto e autêntico. Uma das críticas mais validas que se tem feito das Bienais é a sua monotonia, a estranha homogeneidade da expressão plástica, a repetição das mesmas soluções. Até mesmo os defensores do não figurativo, vêm resultando ofensivos a imitação da escala de possibilidades da expressão abstrata. Encontrando,

pois, na mostra polonesa soluções pessoais e válidas, encontrando pinturas que, embora não representem dados reconhecíveis do mundo exterior, chegam a transmitir emoção, transmitir, de fato, uma mensagem, compreendemos a razão-de-ser dessa pintura que não se basta na leitura formal, excelente, mas utiliza-se da forma para dar expressão a um conteúdo de valores humanísticos.

Ao lado dos "semi-abstratos", temos um artista, Nowosielski, figurativo, que atrai atenção particular pela síntese a que chegou, elaborando elementos da tradição pictórica dos ícones com um sabor todo especial da arte popular polonesa. Não se trata ali de um aproveitamento puro e simples das possibilidades formais oferecidas por esta dupla tradição. O artista consegue uma expressão moderna, válida, utilizando uma forma direta e simples. Para completar, ou antes, como centro da exposição polonesa, temos a Sala Especial, dedicada a Jan Cybis, um artista da Velha Guarda que reúne todas as qualidades da rica tradição da escola pós-impressionista, a vibração íntima da cor, a sensibilidade que comunica emoção. A mostra especial dedicada ao mestre pós-impressionista não serve, todavia, apenas para tornar conhecido entre nós um artista notável, mas, ademais, ajudamos a compreender as raízes do desenvolvimento posterior e, sobretudo, dos últimos anos, das artes plásticas polonesas.

A Tchecoslováquia mandou, este ano, uma mostra menor. Apresenta um dos pioneiros do modernismo daquele país, dos tempos heróicos da arte moderna, antes da I Guerra Mundial, Vaclav Spala, um artista de grande vibração, que é interessante estudar em ligação com a exposição do "Expressionismo" da contribuição alemã. Mas, na mostra tcheca e sobretudo a gráfica que chama a atenção do público, a excelente gravura. Notamos nas obras gráficas e, sobretudo, na difícil xilogravura, um tal domínio técnico, que a própria técnica desaparece. A gravura oferece possibilidades quase infinitas de recursos formais e muitos artistas há que se satisfazem em os efeitos estéticos da própria matéria. Temos numerosos exemplos dessa tendência na própria Bienal. Os artistas tchecos, porém, exercem tal domínio sobre a técnica que não se subordinam aos seus inegáveis encantos. Chegam, através dela, a um estilo conciso, direto. Seguros na sua tradição artesanal, sabem fazer da gravura um meio de comunicação de extrema clareza, rico e de expressão moderna. Para um país como o nosso, onde está-se verificando verdadeiro surto da gravura, a lição dos mestres tchecos é de inestimável importância.

A grande contribuição da Tchecoslováquia na V Bienal é, todavia, constituída pela exposição "A Cenografia Tchecoslovaca de 1914-1959", mostra riquíssima que se impôs como prova cabal da alta tradição artística desse povo, capaz e trabalhador. Não comentamos aqui a importante exposição por não incluímos o teatro em nossas crônicas.

Esperemos que dentro em pouco tempo teremos oportunidade para apreciar, em nossa terra, a arte de todos os países do campo socialista para que, então, sim, a Bienal de S. Paulo possa vir a proporcionar um balanço da criação artística contemporânea.



O MUNDO QUE EU VI

CRIANÇAS MARCAM O FUTURO

ENEIDA

Costuma que esta criança fosse misturada com a outra que está apresentando vários retratos de crianças sadias, risonhas, alegres. Quando uma criança é sadia, risonha e alegre é porque é uma criança feliz. São feitas as crianças da União Soviética e mandado alguma me pergunta o que vi mais bonito nos países socialistas, diria simplesmente a alegria das crianças. E então: Vi crianças felizes.

As crianças são o nosso futuro, dizem cartazes e sabe-se que antes da Revolução de Outubro a mortalidade infantil da Rússia dos tzares era de 22,5% só em Moscou.

Antes de nascer as crianças saudáveis há um trabalho a fazer. A mãe pode receber seu filho sem medo de que ele vá morrer, porque há instituições dispostas a cuidar experimentalmente. Há — segundo vi numa estatística — cento e cinquenta mil hospitais para parturientes hoje em dia, vinte e sete vezes mais do que na Rússia czarista. A assistência médica às parturientes está a cargo do Estado como também de quem cuida das despesas necessárias à mãe. A mortalidade infantil é seis vezes menor do que antigamente e sabemos todos que a mortalidade geral da população na URSS é, atualmente, a mais baixa do mundo todo.

A educação começa quando começa a vida da criança. Primeiro na família pois é desta que depende todo o futuro dos pequeninos. E por isso que a base de educação no país dos soviéticos é o lar, um lar estável e unido. «O sucesso da educação — dizem os pedagogos soviéticos — depende, em primeiro lu-

gar da justa compreensão entre os pais, suas finalidades, seus princípios». O trabalho é desde logo incorporado à vida das crianças. Eles brincam aprendendo a trabalhar, a ajudar a família, colaborando nos mais simples e menos trabalhos do lar.

Nos lares onde a mulher e o homem trabalham fora, as crianças em pequena idade são mandadas para as creches cujo número aumenta sem cessar: existem atualmente mais de vinte mil e outras um milhão de pupilas. Creches são instaladas nos mais diversos locais de trabalho, na cidade como no campo.

Quanta hora uma criança passa numa creche ou numa puerleira? Isso, dependendo das horas de trabalho da mãe. Não esquecer que há na URSS os estabelecimentos chamados Casas de mães e de filhos. E nelas que se abrigam mães e crianças que atravessam situações difíceis. Ali as pequeninas têm tudo, das roupas aos cuidados médicos.

É tão fácil encontrar as crianças felizes da URSS: em Moscou elas brincam no parque, ou as maiores brincam visitando museus, passando pelos jardins com suas carlinhas rosadas e seus risos tão comunicativos.

As pessoas honestas que visitarem os países socialistas, não apenas a URSS, como os demais, ou aconselho: olhem para as crianças, olhem e digam se um país que as tem assim, tão bem tratadas, tão bem cuidadas, não é um país que realiza plenamente o seu programa de uma vida nova num mundo novo. Um mundo no qual as crianças têm tudo.

TRABALHADORES DE TODO O PAIS DECIDIRAO SOBRE:

- 1)- Direito De Greve
- 2)- Previdencia Social
- 3)- Problemas Nacionais

Ativam-se os preparativos da II Conferencia Sindical Nacional

Ativam-se os preparativos para a II Conferencia Sindical Nacional...

ções dos Trabalhadores na Industria, no Comercio, em Transporte Terrestre...

liadores em instituicoes ou orgaos do Poder Publico...

tados da Conferencia e da declaracao e planos de trabalhos aprovados...

PREPARATIVOS

Os sindicatos do Distrito Federal se organizaram para a realizacao de palestras...

ATO PUBLICO NO DIA 23

No dia 23 a noite em local ainda nao determinado haverá um grande ato publico...

COMERCIARIOS:

FESTAS E REIVINDICAÇÕES

O Dia dos Comerciarios, 20 de setembro, foi comemorado na Capital...

Aumento Para Aeroaviarios

Um aumento de 45% com um minimo de Cr\$ 2.000,00 e um maximo de Cr\$ 9.000,00...

Igaracu (PE) SALARIO ABAIXO DO MINIMO

IGARACU - Pernambuco. Os trabalhadores da fabrica de Produtos Quimicos...

DEFENDE TEU DIREITO

B CALNEIROS BOMFIM

Correspondencia para Rua Sao Jose, 50

Equiparacao

A lei em discussao, em seu artigo 10, estabelece o principio que proibe a diferenca de salario...

A equiparacao salarial continua a ser regulada pela lei 461 da Consolidacao das Leis do Trabalho...

Naõ obstante com essa limitacao ao presente constitucioal, a lei em discussao...

Estabilidade

O empregado que exerce atividade em servico em empresa...

Estabilidade - O empregado que exerce atividade em servico em empresa adquire estabilidade no emprego...

Em caso de falta grave, devidamente apurada em inquerito, proposta ao Juiz do Trabalho...

FRIGORIFICO PARA MACAE UNE OPERARIOS E PATROES

MACAPE - Estado do Rio Grande do Norte. Os trabalhadores e empregadores...

Trabalhadores em Construcao Civil; Federacao dos Estudantes; Sindicato dos Ferroviarios...

Reuniao dos Sindicatos na Capital Paulista

Representantes de cerca de 300 sindicatos paulistas reuniram-se no proximo dia 8...

Barnabés exigem CLASSIFICACAO ATÉ DEZEMBRO

Na ultima assembleia dos Funcionarios Publicos Federais...

Eu tenho medo

Concluio da 2ª parte e mais vida pelo esse dos seres humanos...

Salario profissional para motoristas

O Sindicato dos Motoristas de Camião...

SE AS EXPERIENCIAS CONTINUAREM

Emoção e tenso balanço feito por um dos cientistas mais eminentes...

AMEAÇADA A ESTABILIDADE DOS DIRIGENTES SINDICAIS

As constantes hostilidades contra o movimento sindical...

Derrotar Os Inimigos Do Direito De Greve

ROBERTO MOREIRA

Os jornais divulgaram a noticia de uma reuniao havida no Palacio das Laranjeiras...

dos no Senado Federal, pois na Camara dos Deputados pode haver deputados que modifiquem seu voto anterior...

O BRASIL RODA SOBRE PNEUS DOS TRUSTES

Que o Brasil roda sobre pneus dos trusts é evidente: cinco grandes monopólios estrangeiros (hoje seis) elaboram em suas fábricas quase quatro quintos da borracha industrializada no país. De todas as fábricas de pneumáticos e câmaras de ar — que constituem o setor pesado da indústria da borracha — apenas uma pertence a capitais nacionais: é a "Brasil", por sinal a menos expressiva delas, apesar de ser a mais velha.

Mais de 10 mil operários trabalham nessas empresas que, em 1957, segundo o Censo Industrial do IBGE, realizaram vendas no valor de quase 8 bilhões de cruzeiros, os lucros auferidos pelo setor pesado da indústria da borracha são bastante elevados. Entretanto, isto não seria o pior se a maior parte deles — que outra coisa não são senão fruto do trabalho nacional — não fosse convertida em dólares e exportada para as matrizes nos Estados Unidos e na Inglaterra.

A IMPLANTACAO DA INDUSTRIA

A empresa pioneira da fabricação de pneumáticos no Brasil foi a Companhia Brasileira de Artefatos de Borracha, constituída por capitais nacionais. Apareceu em 1935. Três anos depois, em 1938, o poderoso truste norte-americano "The Goodyear Tire & Rubber Co." instalava uma fábrica entre nós. Em 1939, quando a segunda guerra mundial veio valorizar extraordinariamente os seringaais brasileiros, fincava suas garras no Brasil outro poderoso truste dos Estados Unidos — a "The Firestone Tire & Rubber Co.". Entre 1940 e 1941, um outro truste, este italo-americano, a Pirelli, também montou instalações para fabricar pneumáticos e câmaras de ar neste monopólio já operava no Brasil desde 1929, mas a fabricação de cabos. Só muito depois da guerra, em 1953, e que outro truste norte-americano — "The General Tire & Rubber Co." — veio para o Brasil. A criação da indústria automobilística e o domínio do mercado pelos monopólios norte-americanos acabaram com a indecisão britânica e em 1957 o truste inglês "Dunlop Rubber Co. Ltd." montou uma fábrica entre nós. Finalmente, "por insistência" do Grupo Executivo da Indústria Automobilística (G.E.I.A.), o poderoso monopólio norte-americano "The B. F. Goodrich Co." (principal fornecedor da "General Motors", nos Estados Unidos) "acendeu" em vir para o Brasil e está montando uma fábrica de pneumáticos e câmaras de ar na cidade de Campinas.

Além da existência da matéria-prima natural e da possibilidade de produzi-la em vasta escala, um grande fator de atração sobre os trusts foram os elevados lucros que as empresas imperialistas auferem no Brasil e as enormes facilidades para exportá-los, bem como o mercado em contínua expansão. Em 1948,

apenas de 100 mil pneumáticos produzidos em 1939, a produção interna é, hoje, de cerca de 2 milhões, isto é, em 20 anos verificou-se um aumento de 2.000%.

LUCROS ELEVADOS

E bem sabido que as empresas imperialistas usam de tudo e um processo para auferir os lucros que auferem em nosso país. Contudo, mesmo os lucros oficialmente confessados nos seus balanços são escandalosos. Superam em 6, 8 ou 10 vezes os que obtêm nas metrópoles imperialistas.

Segundo um levantamento feito pela revista "Ofensiva"

Empresas	Lucros sobre o capital realizado em	
	1956	1957
Indústria pesada	37,9	39,6
Indústria leve	9,4	8,2

Em números absolutos, o quadro acima pode ser assim desdobrado, relativamente à indústria pesada:

GOODYEAR

Capital: 450 milhões; lucros declarados em balanço: 236 milhões, ou mais de 50 por cento sobre o capital.

DUNLOP

Capital: 200 milhões; lucros declarados: 85 milhões, ou 42,5 por cento sobre o capital.

GENERAL

Capital: 120 milhões; lucros declarados: 56 milhões, ou 33 por cento sobre o capital.

FIRESTONE

Capital: 850 milhões; lucros declarados: 201 milhões, ou 25 por cento sobre o capital.

PIRELLI

Capital: 1 bilhão e 200 milhões; lucros declarados: 297 milhões, ou cerca de 25 por cento sobre o capital.

PERSEGUINDO MAIORES LUCROS

Por mais elevados que sejam os lucros obtidos no Brasil, o capital imperialista tem sempre como objetivo principal aumentá-los para exportar mais dólares. Este é o principal motivo da guerra sem quartel que os trusts da indústria pesada da borracha sempre moveram contra o monopólio estatal das operações finais de compra e venda da borracha, exercido pelo Banco da Amazônia. Nesse sentido, uma grande vitória obtida pelos grupos estrangeiros foi a abolição do monopólio estatal das importações de borracha, que hoje (como mostramos anteriormente, constitui a maioria da goma elástica consumida no Brasil. Há, pelo menos, três razões principais para a luta dos trusts contra o monopólio estatal:

Completamente dominada pelos monopólios estrangeiros a indústria pesada da borracha — O pote de ferro e o pote de barro: indústria pesada e indústria leve — Lucros fabulosos — Liberação das importações, um crime contra o país — Luta aberta da pequena indústria pela própria sobrevivência — Para quem é uma mamata o monopólio estatal da borracha?

"Conjuntura Econômica", de janeiro último, a base do exame dos dados de balanço e contas publicadas na imprensa de 15 empresas de pneumáticos e 15 de artefatos de borracha, em geral, temos o seguinte quadro:

DEFENDE-SE A PEQUENA INDUSTRIA

Apesar de todas essas desvantagens para o Brasil, o monopólio foi abolido, colocando em situação de inferioridade a pequena indústria, que, acusada, saiu à luta pelos seus interesses. Em São Paulo, onde se concentra o maior número de fábricas, evidenciou-se o antagonismo aberto dentro do Sindicato — dominado pelos trusts. Os pequenos industriais, sem abandonar o Sindicato, fundaram uma Associação para a defesa dos seus interesses, e a luta prossegue. Um grande esforço está sendo realizado pela Associação no sentido de congregar as pequenas indústrias e, com a força do seu número, defender-se contra os trusts.

- 1) Libertar-se do controle estatal sobre os custos de produção que, ainda que formalmente, vinha sendo exercido;
- 2) realizar importações diretas de borracha, que possibilitam lucros complementares e ilegais;
- 3) fortalecer sua posição dominante no conjunto da indústria da borracha, tornando-a ainda mais vulnerável aos seus desígnios à indústria leve.

SIGNIFICADO DA LIBERACAO

Em conferência pronunciada no Circulo Militar de São Paulo, um alto funcionário do Banco da Amazônia, sr. Elio Osni da Silva, definiu da seguinte maneira as vantagens auferidas pelos trusts com a liberação das importações: "fazendo parte de grandes consórcios internacionais, sendo inclusive os grandes produtores da goma natural e sintética no estrangeiro, não tem de lutar com a concorrência local, pois estas lhes serão asseguradas pelo governo; não pagam despesas alfandegárias, pois não beneficiam-se da isenção fiscal que vinha sendo concedida ao monopólio estatal; não sofrem as alterações dos preços no exterior, uma vez que não buscam o produto em seus próprios seringaais da costa africana e do oriente, podendo ainda utilizar-se do subatamento para a livre entrada de seus lucros e divi-

Empresas	Borracha	Imposto	Total
Firestone	4.100	5.100	9.200
Goodyear	4.000	4.400	8.400
Pirelli	4.000	3.600	7.600
Dunlop	2.300	1.300	3.600
General	1.500	600	2.100
Brasil	1.400	500	1.900
Toda a indústria	6.300	2.300	8.600
Total	23.000	17.800	40.800

Como vemos, a indústria pesada — seis empresas — consome 80 por cento de toda a borracha enquanto que a indústria leve — mais de 200 empresas — consome apenas 20 por cento. Se se levar em

A PARTE DO LEAO

O quadro que a seguir publicamos, das vendas de borracha efetuadas pelo Banco da Amazônia, em 1958, mostra claramente a posição dominante dos trusts e as enormes vantagens que eles auferem com a importação direta da borracha:

Empresas	Borracha	Imposto	Total
Firestone	4.100	5.100	9.200
Goodyear	4.000	4.400	8.400
Pirelli	4.000	3.600	7.600
Dunlop	2.300	1.300	3.600
General	1.500	600	2.100
Brasil	1.400	500	1.900
Toda a indústria	6.300	2.300	8.600
Total	23.000	17.800	40.800

conta apenas a borracha importada, vemos que apenas os dois trusts norte-americanos "Firestone" e "Goodyear" absorvem mais de 50 por cento do produto vindo do exterior,

este ano mais de 2 mil toneladas de borracha, competindo com a indústria nacional numa linha de produtos em que o Brasil já é perfeitamente auto-suficiente.

PREÇOS LIBERADOS

Por fim para mostrar como os trusts dispõem em nosso país de uma situação completamente favorável (para eles, e claro, deve-se assinalar que os preços dos pneumáticos e câmaras de ar estão liberados desde outubro de 1956, pela magnanimidade da Comissão Executiva de Defesa da Borracha. Os preços dos pneumáticos são elevadíssimos e aumentados de acordo com o livre arbítrio dos monopólios estrangeiros. Assim, em dezembro de 1958 os preços foram

elevados de 9 1/2% em fevereiro deste ano, sotriam nova majoração, de 18%. E, tão altos os lucros que estavam proporcionando que, em maio último, restituindo aos favorecidos os lucros que tinham recebido dos entreguistas do governo, concordaram com uma pequena redução de 5 por cento nos preços.

Agora mesmo, volta a falar-se em aumento do preço dos pneumáticos, em relação com o aumento do preço concedido pelo governo (cerca de 44%) aos produtores nacionais de borracha. Dizem os trusts que, no momento, não aumentariam os preços dos pneus. Mas ninguém tenha dúvida de que dentro de poucos meses os pneumáticos subirão ainda mais, com o consequente reflexo no custo de vida.

Solidariedade aos marítimos de Niterói

Greves Para Quebrar a Má Vontade Do Governo

Enquanto o ministro Antônio Pereira, amarela com medidas de repressão, os marítimos de todo o País se preparam para desencadear, a qualquer momento, a greve nacional em defesa de seus reivindicações e de solidariedade aos operários do Lode e da Costeira que se encontram em greve há quase trinta dias, pleiteando das autoridades a elaboração do Quadro de Costeira do Praxel.

Os operários navais de Niterói paralisaram o trabalho a zero hora do dia 11 de outubro, após esperarem pacientemente durante mais de três anos pela elaboração do Quadro de Costeira. As autoridades federais, perfeitamente o ministro Antônio Pereira, vêm protestando a solução da greve, tentando vencer os trabalhadores pelo

esboço. Enquanto isso, permanecem paralisados os mais importantes estaleiros do País.

SOLIDARIEDADE

Como sinal de protesto contra a maritimação na Vitoria do Governo, e solidariedade com os seus companheiros, entraram também em greve a zero hora do último dia 3, mais de 10 mil trabalhadores de todos os 22 estaleiros de Niterói e Distrito Federal. Também o pessoal do Tráfego do Lode e da Costeira, os marinheiros, maquinistas, fogueiros e outras categorias resolveram paralisar os serviços por 24 horas, a partir de zero hora de hoje, quinta-feira.

Os trabalhadores dos estaleiros de Santos, Ceará e outros Estados, reunidos em

sessões, deliberaram não promover nenhum reparo nos navios do Lode e da Costeira. Os sindicatos do Estado do Rio se mantêm em permanente contacto com os grevistas de Niterói, emprestando-lhes toda a solidariedade.

GREVE NACIONAL

O movimento dos operários navais interpostos à greve nacional que será desencadeada pelos marítimos no próximo dia 11, se até lá não tiverem sido solucionadas as questões apresentadas no Território de Reivindicações, elaborada por todas as entidades filiadas à Federação Nacional dos Marítimos. O Conselho da Federação, por outro lado, decidiu que a greve nacional poderá ser antecipada, em função da solidariedade aos grevistas de Niterói.

«Machado de Assis»
LIVRO DE ASTROJILDO PEREIRA
1 volume de ensaios e apontamentos sobre o grande escritor brasileiro, com 280 págs.
À VENDA NA LIVRARIA DA VITÓRIA.
Rua Juan Pablo Duarte n. 50 (sob.)
RIO DE JANEIRO

NOVO NÚMERO DE "ESTUDOS SOCIAIS"
Encontra-se à venda nas bancas de jornais e em várias livrarias o número 6 da revista "Estudos Sociais", dirigida por Astrojildo Pereira. Trata-se de um dos melhores números dessa publicação que já se assegurou uma edição própria e que tem divulgado bons trabalhos sobre problemas de grande interesse.
O sumário deste último número de "Estudos Sociais" compreende: «A espolição do povo brasileiro pela financeira internacional», de Jacob Gouderer; «A evolução do pensamento de Euclides da Cunha», de Rui Faria; «Alguns aspectos da formação histórica dos engenhos e das fazendas», de Alberto Passos Guimarães; «Um livro sobre a história e a economia de Pernambuco», de Fragnon Carlos Borges; «Trechos escolhidos», de Tobias Barreto; «A vitória da China contra a fome», de Josué de Castro; «Crítica de livros e crítica de revistas».
Encontra-se à venda os quatro primeiros números reunidos em bela coleção encadernada. Preço por coleção — Cr\$ 300,00.
Para pedidos dos Estados, damos o novo endereço de "Estudos Sociais" — Rua São José, 50, sala 502 — Rio de Janeiro — D.F.

NOTA ECONÔMICA

O DÓLAR EM CRISE

Os editorialistas para assuntos econômicos da imprensa social, apontando para a enorme manifestada por toda a grande imprensa nacional, capitalista, mostram-se verdadeiramente chocados nos últimos dias com as declarações do famoso economista norte-americano, Franz Pick, acerca da necessidade de desdolarização do dólar. Mr. Pick, que faz figura de maior autoridade técnica em assuntos econômicos, e cujo o Governo a respeito oficialmente, diz que a desdolarização do dólar em termos de valor nominal atual dessa moeda, resultaria que, se essa medida não foi adotada no âmbito das operações destinadas também a conter o processo de desvalorização real do dólar, a verdadeira liberdade monetária e o comércio internacional não poderiam ser alcançados.

Como vemos, a indústria pesada — seis empresas — consome 80 por cento de toda a borracha enquanto que a indústria leve — mais de 200 empresas — consome apenas 20 por cento. Se se levar em

Conta apenas a borracha importada, vemos que apenas os dois trusts norte-americanos "Firestone" e "Goodyear" absorvem mais de 50 por cento do produto vindo do exterior,

A situação econômica desses dois fatores provocou a queda acelerada nas reservas de ouro

dos Estados Unidos, o que é a causa, agora, das advertências de Mr. Franz Pick. O Governo brasileiro tem tentado outros meios de resolver o seu problema. Através do Fundo Monetário Internacional, tem pressionado todos os Governos do mundo capitalista para que renunciem à política seletiva de importações e adotem o chamado sistema de "livre-cambismo"; em nosso país, além disso, temos uma longa experiência dessa pressão. Notícias chegadas nos últimos dias de Genebra informam que, na reunião do GATT já realizada, o delegado norte-americano, Sr. Douglas Dillon não tem medido esforços para mostrar também aquela organização, a seriedade da política de pressão do Departamento de Estado, junto aos países capitalistas, para que estes cessem suas restrições à entrada de produtos americanos em seus territórios. Outro expediente utilizado pelo Governo brasileiro é a produção e o envio de produtos com a URSS e os demais países socialistas, o que tem resultado em trocas entre as regiões Leste e Oeste da Europa num nível cinco vezes inferior ao de 1939.

Em que pese as consideráveis vantagens que obtive, entretanto, essa política do governo de Washington não conseguiu frear a crise monetária decorrente da supervalorização do dólar. Grande é o número de países que não se submeteram às exigências do FMI, bem como é cada dia menor a autoridade do "Battle Act" sobre o

comércio dos países europeus com o mundo socialista. Damos a alternativa apontada por Mr. Pick ao seu Governo: enfrentar a crise, ou a catástrofe.

RENATO ARENA

NOTA — Nas duas Notas anteriores, foram feitas referências a uma moeda de Petrobrás pelo CNP, de outubro de 58; a obtenção, posteriormente, de uma cópia integral desse documento permitiu ao autor verificar que laborou em equívoco ao afirmar, baseando-se apenas na parte do memorial transcrita no "Diário do Congresso", que ele se declarava ser de 288,6 milhões de dólares o valor calculado para o superatamento das importações de petróleo e derivados pelas refinarias e distribuidoras particulares. Apressando-nos na redação desta edição, esquecemos de mencionar que aquela cifra consistia no memorial referiu-se apenas à economia de divisas que seria feita pelo país, fossem centralizadas as importações através da Petrobrás, com a exportação do petróleo bruto e do estibado e superatamento das refinarias particulares. A moeda de Petrobrás não calcula o superatamento por parte dos distribuidores, o que permite afirmar que a economia total de divisas com a centralização das importações, seria ainda maior, no montante de 50,00, do que a cifra de 288,6 milhões de dólares, uma vez que a experiência com as importações de gás liquefeito, que proporcionaram ao país uma economia superior a 3 milhões de dólares por ano ao passarem das companhias particulares para a Petrobrás, indicam ser o valor total do superatamento das importações dos distribuidores parciais próximo de 100 milhões de dólares por ano.

ESCOLA PARTICULAR E ESCOLA PÚBLICA

(NO PROJETO DE DIRETRIZES E BASES)

LUIZ FERNANDO

A preocupação de equiparar a escola particular à pública se faz sentir numa série de artigos do atual projeto de Diretrizes e Bases da Educação.

No momento em que os estudantes da Universidade do Rio de Janeiro lutam pela encampação das faculdades que a compõem pela Prefeitura do Distrito Federal, tendo como um dos seus principais objetivos a obtenção de uma colocação pública após concluir o curso, o projeto ora em discussão contraria frontalmente essa aspiração dos jovens universitários.

Assim, o Art. 19 estabelece "Não haverá distinção de direitos, para qualquer fim, entre estudos realizados em estabelecimentos oficiais ou particulares reconhecidos".

Ora, é evidente que, em escola paga, quanto maior o número de alunos, maior é a margem de lucro de seus proprietários. Desse modo, os exames vestibulares prestados nos estabelecimentos particulares são muito menos rigorosos. É comum ver-se os estudantes serem reprovados nas escolas federais, tentarem as municipais...

país e, quando também aí há insucesso, ingressarem nas escolas particulares. Como o diploma obtido nessas últimas era encarado, de modo geral, como de menor valor que o das escolas oficiais, muitos estudantes, depois de aprovados nos estabelecimentos particulares, pediam transferência para as escolas oficiais. Esse fato chegou mesmo a originar várias greves, pois os universitários das escolas do governo sentiam-se prejudicados com o ingresso desses novos colegas que não haviam passado pelo crivo dos exigentes exames vestibulares das suas escolas. Pois bem, o Art. 19, anulando essa diferença, golpeia frontalmente os estabelecimentos oficiais, que serão obrigados a enfrentar as escolas privadas, numa concorrência extremamente desigual.

AMEAÇADO O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

O Art. 53 é uma decorrência do 19. Os artigos 50, 51 e 52 determinam as regras da formação de professores primários. Culminam no Art. 53: "Os que se graduarem nos cursos referidos nos artigos 51, 52 e 53, em estabelecimentos oficiais ou particulares reconhecidos, terão igual direito a ingresso no magistério primário, oficial ou particular, ressalvadas as provas seletivas que forem de sua exigidas". Trata-se de violação da autonomia estadual, como, por exemplo, no caso do Instituto de Educação do Distrito Federal, com uma tradição de mais de cinquenta anos de formação do professorado das escolas primárias, públicas, do Distrito Federal.

O sonho de inúmeras mães é ver sua filha matriculada no Instituto de Educação, onde, além de receber um ensino de boa qualidade, as mães têm assegurada uma colocação ao diplomar-se. Com as disposições do atual projeto, desaparece essa tradição, uma vez que qualquer estabelecimento privado será equiparado àquela casa de ensino normal.

ASPECTOS PARALELOS

Os artigos 27 e 28 do pro-

jecto têm um caráter extremamente antipopular.

O Art. 27, que trata de questões relacionadas com o ensino primário, determina: "Em cada município será feita anualmente a chamada da população escolar, com 7 anos de idade, para a matrícula na escola primária."

Parágrafo único: Nenhum pai de família, ou responsável por criança em idade escolar, poderá exercer função pública, ou ocupar emprego em sociedade de economia mista, ou empresa concessionária de serviço público, sem prova de matrícula dessa criança, salvo caso de isenção estabelecida nas leis de ensino."

E o Art. 28:

"As empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalham mais de 100 pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos destes."

"O PROBLEMA DO TIBETE É UMA QUESTÃO INTERNA DA CHINA"

AFIRMA EM PEQUIM O DEPUTADO VELASCO

Em entrevista exclusiva concedida à Agência Hsinhuá a 22 do corrente, em Pequim, o deputado Domingos Velasco, vice-presidente do Partido Socialista, afirma que "o problema do Tibete é uma questão interna da China. Nenhum outro país deve intervir. As Nações Unidas não têm direito algum a discutir o assunto".

Esta é a sua terceira visita à China. Velasco, que hoje partiu de volta à sua pátria acompanhado de sua esposa, afirmou ter agora constatado que o povo chinês "progrediu muito, tanto em sentido político como econômico."

"Quando visitei a China pela primeira vez, em 1956 — disse — interessava-me por conhecer as cooperativas rurais. Desta vez visitei muitas comunas populares nos distritos de Pequim, Wuhan e Canto. Cheguei à conclusão de que o advento das comunas populares é o resultado natural do desenvolvimento das cooperativas agrícolas."

Como se vê, há punição, e severa, para os pais de família que não tiverem meios de matricular seus filhos em alguma escola. Todos os anos assistimos à formação de longas filas nas portas das escolas públicas, onde milhares de pais vão lutar por uma vaga para matricular os filhos. Em muitos casos, tais vagas são concedidas pelo regime do "pistolão".

Impossibilitados, por falta de recursos, ficam também impossibilitados de matricular as crianças nas caríssimas escolas particulares. Por isso, pela

escassez das escolas públicas, são punidos.

Por outro lado, para as empresas citadas no Art. 28, não se cogita de nenhuma punição. É sabido que em quase nenhuma delas funciona curso algum, nem para os empregados, nem para os filhos destes.

Como a maioria das leis num regime capitalista, a de Diretrizes e Bases, caso aprovada como esta, acarretará maiores prejuízos para o povo, deixando de lado os principais responsáveis pela afiliva situação do ensino no

"OS SERTÕES" EDITADO NA CHINA POPULAR

OS SERTÕES, de Euclides da Cunha, acaba de ser editado pela República Popular da China.

O lançamento foi feito

como parte das comemorações programadas para todo o mundo pelo Conselho Mundial da Paz.

O prefácio da edição chinesa da obra mestre de Euclides da Cunha, segundo a agência de notícias chinesa (Sinhua) «expressa o respeito do povo chinês por Euclides da Cunha e a amizade que dedica ao povo brasileiro».

A carreira árdua do grande escritor é ali descrita como «a gloriosa vida de um democrata da América Latina em luta contra o feudalismo», e o livro é apresentado ao leitor chinês como «clássica obra-prima da literatura brasileira e ponto de partida de uma nova fase» desta literatura.

Na capital chinesa tiveram lugar homenagens à memória de Euclides da Cunha, inclusive uma assembleia pública, programas de rádio e exposições relativas à cultura brasileira. A edição de outubro da revista chinesa «Literatura Universal» contém artigos sobre Euclides da Cunha e a tradução chinesa de alguns de seus trabalhos.



amplas para assistência médica e os anéis são muito bem tratados".

Domingos Velasco refutou as calúnias difundidas pela imprensa reacionária do ocidente contra o grande sábio à frente dao pela China, afirmando:

"É fato que a produção industrial e agrícola da China aumentou. O povo chinês come melhor tem mais conforto do que nunca".

Esperava-se aumentar a produção do aço de mais de 5.300.000 toneladas em 1957 para 12.000.000 de toneladas neste ano — observa. "Se isso se chama "salto para trás", gostaria que meu país o imitasse". "Penso que a Inglaterra e os Estados Unidos também desejariam dar um "salto para trás" desse tipo", acrescentou.

Velasco lembrou haver lido, em jornal francês, a notícia de que, antes de a China ser libertada, 68 cadáveres foram encontrados, numa só manilha, em Xangai. "Visita-se a cidade agora e se vê que o povo veste o se alimenta melhor".

Referindo-se à situação em seu país, afirmou que o povo brasileiro trava hoje lutas porridas e amplas contra os monopólios internacionais e pela emancipação econômica. O povo brasileiro se opõe à exploração dos recursos da nação pelos imperialistas e deseja manter relações diplomáticas comerciais e culturais independentes com todos os países.

RADIO TV

Grande Escritor... Era só o título

Sim, porque quem escreveu aquela boboseira que o Teatro Moimbo de Ouro apresentou, domingo último, nada tinha de grande. Nem mesmo de escritor. História tola de um famoso romancista contratado por um estúdio cinematográfico americano e submetido às regras de Hollywood... e as artimanhas de uma secretária eficienteíssima. João Costa faz um escritor debilitado e Mário Lago, no Diretor, papel que é apenas uma caricatura mal feita, salva-se por suas próprias qualidades. Quem estava melhor era Auri Cabral, na supersecretária. Mas é tudo um desperdício de tempo, espaço, câmeras e orticones, pois o argumento não tinha coisa alguma que justificasse a sua existência.

A VOLTA À CASA PATERNA

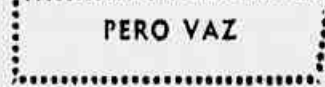
Paulo Guinêdo, depois de prolongada ausência, volta ao Teatro, de onde saiu, há tempos, para o Rádio. E arrasta consigo Lourdes Mayer, cujo afastamento dos nossos palcos era bem menor. E ambos formam companhia para atuar as segundas-feiras, no novo Teatrinho Jardel. Com eles, estão, também, dois dos mais famosos galãs de novelas do nosso rádio: Roberto Faisal e Domício Costa. A peça de estreia é de Edgardo G. Alves, homem de rádio também, e intitula-se «É Proibido Fazer Milagres no Corredor». Uma sátira às nossas repartições públicas. Do repertório da Companhia constam também a «Antígona», de Anauahi, e «Os Cinco Fugitivos do Juízo Final», de Dias Gomes.

HUMOR ANÊMICO

Muito fraco o último «Ali-Babá». Piadas anêmicas, de humor melancólico. Ritmo arrastado, como se a própria direção estivesse bocejando. Bem disse certo colega de crítica que todo Max Nunes tem o seu dia de J. Manteiga.

SAL AREAS... ENTRA AREIA...

Ao mesmo tempo que parece certa a saída do sr. Moser Arêas da direção da Rádio Nacional, entra areia na nomeação do sr. Paulo Nunes Vieira para substituí-lo no mesmo cargo. Até o momento ainda não se sabe o nome do próximo mentor da E-R.



UM JOVEM CINEASTA

LOUIS MALLE Fala Sobre "Amantes"

Entrevista concedida a GENNYSON AZEVEDO

LOUIS MALLE é um jovem de 26 anos, fisionomia serena, aparência tímida que não o identifica, a primeira vista, com o ousado diretor de Amantes (Les Amants), filme que tem provocado celestia em torno de sua apresentação. Malle veio ao Brasil para receber, do Museu de Arte Moderna do Rio, a placa que lhe foi conferida como o melhor diretor dentre os representados no Festival do Cinema Francês, recentemente realizado pelo MAM. Sua presença entre nós coincide com a estréia de Amantes, daí o interesse de suas declarações captadas numa agradável palestra que procuramos reproduzir do modo mais fiel.

AMANTES

— Não fiz de «Les Amants» um filme realista. É claro que existe o realismo num certo sentido, mas procurei dar o clima de uma realidade ideal. Seria melhor dizer que desejei criar uma atmosfera de sonho de irrealdade poética um pouco idealista. Não fui inteiramente feliz e há certas passagens onde se nota um deslocamento entre a realidade e o sonho. Considera seu filme imoral?

— Muito ao contrário, nada existe de imoral. O final, por exemplo, é exemplar. Os personagens, contrariamente às convenções dos argumentos cinematográficos, rompem conscientes as barreiras que os cercam. Ao partirem juntos sabem que a realidade é difícil e não têm ilusões sobre a vida. Quis tratar um tema importante de um ponto-de-vista não convencional, sob este aspecto acredito ter sido feliz. Para mim, a noite de amor de meus heróis devia ser quase como um sonho e foi esta a impressão que procurei dar — um sonho, delicado e poético.

Como vemos e a película o demonstra, Malle não procura fazer sensacionalismo, ao invés disso deseja mostrar as emoções humanas em toda a sua complexidade.

NOVA ONDA

A seguir o jovem diretor responde à nossa pergunta sobre o que pensa da

«nouvelle vague» (nova onda, ou melhor a nova geração de cineastas). Resposta direta e concisa:

— A «nova onda» não é uma escola e sim um movimento de caráter econômico. Corresponde a uma crise do cinema tradicional (muito caro) e o nascimento de um novo público (uma geração nova com gostos muito diferentes das anteriores) que deu lugar ao aparecimento de películas feitas com pequenos orçamentos, sem artistas famosos e atendendo ao gosto dos novos espectadores. Dos jovens realizadores franceses tenho, como maior revelação, Alain Resnais, o diretor de Hiroshima Meu Amor, Resnais fez um filme muito importante, talvez o mais revolucionário depois do consagrado «Hélium de Deus», de Renoir.

Perguntamos, finalmente, a Louis Malle os seus planos.

— Filmar o romance de Raymond Queneau «Zazie dans le Métro», uma comédia. A história de uma garota que vem a Paris passar um dia e irrompe no mundo dos adultos com a pureza e a lógica impudica de uma jovem desacomumada ao falso das relações artificiais entre as pessoas. É um verdadeiro terror que tudo destrói com o absurdo de seu comportamento irreverente.

Depois de palestra tomou outro curso e ficamos sabendo, entre outras coisas, dos contatos tomados com a literatura brasileira através da tradução francesa de Jorge Amado, Gilberto Freire e Euclides da Cunha. «Os Sertões» provocou em Louis Malle uma grande impressão com a epopéia de Canudos, Antônio Conselheiro e seu exercito. Por isto, o jovem cineasta quis conhecer a Bahia, terra tão bem descrita nos romances já lidos e de contrastes gritantes. Os contrastes de nossa terra chamaram a atenção do jovem diretor, atento ao aspecto humano de nossa realidade, levando-o a confidenciar:

«Espero voltar ao Brasil e então farei um filme mostrando este país com seus grandes contrastes. Não será apenas um documentário, mas uma visão ampla da sua natureza e da sua gente».

MOVIMENTO ESTUDANTIL

O Congresso Da AMES

Realizou-se, finalmente, o XIII Congresso Metropolitano dos Estudantes Secundários, precedido que foi de uma série de acontecimentos relativos na convocação de um comitê de essa natureza.

O Congresso não foi controlado por nenhum edital nem por nenhum aviso público. As únicas escolas diretamente convidadas para participar da reunião foram as católicas e as particulares da zona sul. Foram abandonadas as escolas públicas e as particulares da zona norte, onde os estudantes, por serem mais pobres, sentem mais de perto a necessidade da oficialização do ensino.

Marcada a sua realização para o fim da semana (dias 22, 23 e 24 de outubro), foi ela transferida, poucas horas antes, para o período de 27 a 30 (dias úteis), com a evidente finalidade de evitar a presença de estudantes que trabalham.

A instalação solene do Congresso contou com a presença de pouco mais de 50 congressistas, sem que houvesse nenhuma autoridade no recinto, no contrário do que aconteceu com o congresso anterior, a que compareceram o Ministro da Educação, representantes de várias outras autoridades, deputados, professores e cerca de mil estudantes.

Outro fato estranho foi o modo pelo qual os delegados eram credenciados. Só tinham valor as credenciais firmadas em papel fornecido pela AMES, o que facilitava impedir a participação de colégios não ligados à direção do Congresso. Além disso, foi exigida uma declaração do diretor da escola, afirmando que os delegados eram real-

mente alunos e estavam autorizados a representar seus colegas, o que só era fornecido, evidentemente, quando havia interesse do proprietário do colégio.

Fato inédito em congressos estudantis, que sempre foram defensores da mais absoluta ausência de discriminação entre os jovens, há na declaração de princípios do XIII Congresso Metropolitano dos Estudantes Secundários um item assinalando que os secundaristas ficam impedidos de fazer ou solidarizar-se com qualquer greve, assim como participar de qualquer luta de que participem estudantes suspeitos de esquerdistas.

Apesar de todas essas medidas, os estudantes conseguiram inscrever algumas vilórias de caráter nacionalista no Congresso.

Assim, embora não figurasse no temário o problema das Diretrizes e Bases da Educação, foi aprovado um voto contra o substitutivo Lacerda. Além disso, puderam ser aprovadas diversas teses de cunho popular, tais como em favor das relações com a União Soviética e a China, apoio ao projeto do deputado Sérgio Magalhães de Nacionalização dos Frigoríficos, etc.

Proseguindo nos golpes aplicados antes e durante o Congresso, a situação da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários conseguiu eleger toda a nova diretoria, composta dos mesmos elementos da anterior, apenas em cargos diferentes.

LOTT E O ENSINO

Respondendo a um grupo de pessoas que o foram entrevistar no Comitê Pró-Lott

do Largo da Carioca sobre questões do ensino, disse o candidato das forças populares:

— "Alguns dispositivos do projeto de Diretrizes e Bases da Educação não satisfazem. Sou favorável a que as escolas particulares recebam ajuda do governo. Mas isso através de bolsas de estudo. Nunca a subvenção ou o financiamento".

Referia-se o Marechal aos dispositivos do projeto que transferem aos donos de colégios as verbas da escola pública, especialmente os Artigos 3, 83 e 84.

ESCOLA E DEMOCRACIA

— "Sem escola pública não há democracia".

Com essas palavras, Aifeu Ribeiro Meirelles, candidato situacionista à presidência da UME, definiu sua posição em relação ao problema de maior importância na vida educacional brasileira da atualidade, a Lei de Diretrizes e Bases. — "A Constituição garante a escola privada e nós, estudantes, lutaremos para que o dinheiro do Estado se destine apenas à escola pública e universal, livre e democrática — é a luta mais legítima que já empreendemos".

Sobre a política nacional, assim se manifestou: "Seguiremos a Declaração de Princípios do XVI Congresso Metropolitano dos Estudantes, declaração inequivocamente nacionalista".

— "Nacionalismo é fator cultural que se afirma na comunidade brasileira e que aos estudantes cabe preservar como elemento de realização de nossa gente em nosso tempo".

Solidariedade à Revolução Cubana

Pedro Pomar

Tudo que diz respeito à revolução cubana, a seus problemas e dificuldades, em uma palavra, a seu destino, interessa profundamente as forças patrióticas e populares do Brasil. A revolução cubana é anticamente popular golpea frontalmente o imperialismo americano, leva a consciência nacional do povo cubano e dos povos irmãos do continente e demonstra a pujança e o crescimento da luta libertadora e democrática na América Latina. O exemplo da revolução cubana alerta a luta que travamos pela emancipação nacional e social de nosso povo. É parte integrante dessa luta e como tal, deve também ser por nós defendida e ajudada.

A revolução cubana está em marcha para a conquista da verdadeira independência do país, para dar terra aos camponeses, para industrializar seus recursos e construir uma economia diversificada e estável, para diminuir o desemprego crônico que atinge a 600 mil trabalhadores, para democratizar a vida política social, eliminando a chaga do preconceito contra os negros, além de outras medidas progressistas. Na defesa e consecução desses objetivos acham-se interessadas as massas trabalhadoras, que constituem 90% da população da pequena ilha, bem como a burguesia nacional e todos os elementos patriotas de outras classes e camadas, que compreendem que a nação cubana via-se literalmente oprimida e explorada pelo imperialismo americano através de seus agentes no país. Foram essas forças que tomaram parte na revolução e apoiaram a luta armada encabeçada por Fidel Castro e seus companheiros da Grama e da Sierra Maestra, organizaram um exército popular e esmeraram as tropas mercenárias e profissionais de Batista, armadas e treinadas pelos imperialistas norte-americanos. São essas forças nacionais e populares que sustentam com entusiasmo sem precedentes e num espírito de unidade, cada vez maior, o governo de Fidel Castro, porque vêem que a nação pela primeira vez em sua história possui um governo infenso à interferência norte-americana, cioso de sua soberania, honroso e disposto a atender às reivindicações populares e do progresso do país.

A expectativa pelo processo da revolução cubana, os perigos que enfrenta e, mesmo, certa ansiedade diante dos ataques que vem sofrendo dos seus inimigos, são por consequência inteiramente justificadas.

O principal inimigo da revolução é o imperialismo americano. Aliás, é o inimigo de todos os povos que lutam por sua independência e pela paz. É o centro das forças reacionárias em todo o mundo. Naturalmente existem forças internas em Cuba, cujos in-

teresses foram também afetados pela revolução, e que se opõem, por diversos meios, ao avanço da revolução. Existem os capituladores, os que se embriam da mentalidade chamada "placata", e temem a oposição do imperialismo americano, acham sua "ajuda" indispensável e proclamam que "sem o auxílio Cuba não sobreviverá". Mas essa gente representa uma reduzida minoria não expressa nem as aspirações nem a valentia do povo cubano, temendo por quase um século de lutas contra os colonizadores, os latifundiários e grandes importadores parasitas e lacaios dos imperialistas americanos. De todos os inimigos sem dúvida o mais furioso é o imperialismo porque foi o mais atípico pela revolução. Ele ocupa e lúar mais destacado na longa história de martírios e heroísmo do povo cubano. Não é este o momento de controvérsias, intervenções armadas, intrigas, provocações, saques, brutalidades e o tentivo apoio às tiranias antinacionais e antipopulares marcaram porém a dominação norte-americana sobre a ilha de Cuba, na tentativa de transformá-la de colônia de Espanha em colônia dos Estados Unidos. Entretanto Cuba tornou-se uma semicolônia do capital monopolista norte-americano, uma e peça de fazenda produtora de açúcar dependente, em 60% do comércio do poderoso vizinho graças às suas classes dirigentes reacionárias e controladoras. As 39 maiores usinas de açúcar pertencem a capitais norte-americanos, que possuem ademais as melhores terras do país, obtiveram concessões e privilégios nas riquezas naturais e nos serviços públicos, e ditavam a política dos governos. Os imperialistas norte-americanos sempre procuraram frustrar as tentativas de emancipação sob a direção das forças nacionalistas e populares de Cuba, a começar da guerra de independência em 1895. E chegaram por fim, em sua interferência na vida interna do país, a recuperar a ditadura de Batista, uma das mais sangüinárias que registra a vida do nosso continente nestes últimos anos. Não há propensão que possa apazigar da memória do povo cubano esses fatos e não se apresente o imperialismo americano como "amigo de Cuba", e sua "ajuda", como indispensável ao êxito da revolução.

Por isso, não admira que desde 1.º de janeiro de 1959, data da vitória da revolução os efeitos imperialistas que dominam o governo dos Estados Unidos venham realizando toda sorte de provocações e campanhas destinadas a fazer a pubesca. A princípio, foi a campanha de calúnias contra os tribunais revolucionários e o impedimento dos emissários que insultaram milhares de camponeses, em sua maioria mecr-

tes. O governo de Fidel Castro, em resposta, promoveu a chamada "Operação Verdadeira", que trouxe inclusive ao Brasil representantes da revolução para esclarecer a opinião pública das razões daquela medida.

Em seguida veio a investida do anticomunismo. Antes os imperialistas e seus lacaios afirmavam que em Cuba a revolução tivera um caráter anticomunista, pois o proletariado e seu partido comunista não gozaram nenhum papel no mesmo. A medida, porém, que a revolução revelava seu caráter genuinamente nacionalista e democrático, de forte sentido popular, e começava a transformar a fisionomia econômica e social de Cuba, especialmente com a Lei de Reforma Agrária, essa mesma gente passou a acusar a revolução de comunista e a promover uma ensurdecadora campanha anticomunista. As forças da revolução também enfrentaram e sobrepujaram-se a esse ataque e hoje o anticomunismo em Cuba foi derrotado, apesar da lambeção do Departamento de Estado.

Recentemente, levantou-se uma grande celebração a respeito da suposta falta de democracia em Cuba, sobretudo a "falta" de liberdade de imprensa. A Sociedade Interamericana de Imprensa (SIIPI), constituída de diretores dos grandes jornais dos Estados Unidos e da América Latina, ou de seus representantes, promoveu-se em prol da liberdade de imprensa e orientada pelo governador do estado norte-americano John Dabois, inventou a fórmula de coação moral sobre a imprensa cubana da emissão de cotêno revolucionário de Fidel Castro. Na realidade a campanha visava a intimidar o governo de Cuba e faz-lo ceder às forças da reação e do entreguismo, como o "Diário de la Mañana", um simile do "Estado de São Paulo" em Cuba.

Pode testemular pessoalmente, nas duas semanas e mais que estive em Cuba, a mendacidade dessas patraíhas e provocações. Pretender, como o querem os inimigos da revolução, que Fidel Castro, à frente das forças populares, não defenda o programa e os interesses da revolução nem desmascarar os contra-revolucionários, é lógico dos grandes e pequenos senhores acostumados a viver da exploração e opressão do povo cubano.

Por isso também estou convencido de que a última investida e as manobras desencadeadas pelo imperialismo americano e seus agentes internos, exigindo o recuo da revolução e ameaçando-a com represálias econômicas, está destinada ao fracasso. O governo norte-americano pede o impossível. Os dirigentes norte-americanos ainda não se convenceram de que os

tempos são outros e de que, quando um povo, mesmo pequeno, como o de Cuba, está disposto a unido na defesa de seus direitos e determinado a prosseguir em sua marcha revolucionária, nenhuma força será capaz de detê-lo.

O povo cubano e a população de todas as condições para desbaratar essas e outras ofensivas de seus inimigos. Seus dirigentes estão conscientes das ameaças e perigos que interna e externamente ameaçam a revolução. Não os menosprezam nem tampouco exageram. A grande força da revolução cubana reside precisamente na unidade crescente de suas fileiras, na consciência das dificuldades a transpor e na firme decisão de defender as conquistas da revolução e faz-la avançar.

A pujança da revolução cubana reside igualmente no fato de que ela tem muitos amigos em todo o mundo, contando com a simpatia e a solidariedade ativa de inúmeras forças sociais e políticas, desde o campo do socialismo até os povos latino-americanos e o próprio povo dos Estados Unidos.

Cada dia, porém, torna-se

mais indispensável e urgente a manifestação de nossa solidariedade à revolução cubana, a fim de desmanchar o complexo imperialista norte-americano e derrotar sua pressão e seus manobras contra Cuba. Precisamos fazer sentir ao governo do sr. John Kubitschek e a seu ministro das Relações Exteriores que não se devem prestar as intrigas dos imperialistas norte-americanos, nem na questão do açúcar nem nas reuniões da Organização dos Estados Americanos (OEA) que o governo norte-americano quer utilizar como instrumento de sua política exterior para liquidar a revolução cubana.

Devemos manifestar por todos os meios o nosso alcançado apoio à causa do povo cubano como se fosse a nossa própria causa e repudiar as provocações, sabotagens e manobras contra os interesses do povo cubano. É tempo de ajudarmos através de um amplo e ativo movimento de solidariedade as reivindicações de soberania e de autointervenção de progresso e de reformas sociais do combativo e glorioso povo irmão.



UNIÃO NACIONAL

Resposta ao leitor Alcebiades Gomes de Oliveira (Distrito Federal).

Pergunta o leitor porque os comunistas se opõem à criação da União Nacional, que alguns efeitos políticos agitam neste momento em função do próximo pleito eleitoral.

Realmente, está é a posição dos comunistas. Mas é necessário esclarecer que não são apenas os comunistas que se opõem à União Nacional, mas todas as forças que lutam consequentemente pela emancipação do país e pela democracia. Por isso, no lado dos comunistas, personalidades e aderentes dos vários partidos, além de vários setores da opinião pública, colocam-se contra a decantada União Nacional.

Por que essa oposição? A União Nacional, por ser reacionária, sugere por certos círculos caracterizados por seu reacionarismo, é uma política que se chocaria radicalmente com os interesses da nação e do povo brasileiro. No fundo, não passa de uma tentativa de unir os grupos entreguistas e reacionários numa coalizão contra as forças antiimperialistas e populares, que se batem pela formação de um governo nacionalista e democrático para o Brasil. Esta União Nacional tem, portanto, de nacional, ao contrário: o que se pretende através dela é unir uma minoria, cujos interesses são profundamente antinacionais, contra a grande maioria da nação: os trabalhadores, a pequena burguesia e a burguesia interessada no progresso independente do país.

Caso viesse a se constituir a União Nacional, teríamos implantada uma ditadura dos elementos mais reacionários e abertamente a serviço dos trustes norte-americanos. No plano político, a missão principal dessa ditadura seria suprimir toda ação política das massas e das forças patrióticas e populares, toda resistência aos assaltos dos monopólios e seus serviços contra as riquezas do país, toda luta no sentido de exigir para o Brasil uma política independente e progressista. É evidente que nessa caminhada a União Nacional conduziria à supressão de todos os instrumentos através dos quais o povo brasileiro expressa os seus anseios e formula as suas reivindicações, desde a imprensa livre até os partidos políticos.

É natural, portanto, que os comunistas e todos os patriotas e democratas se oponham com a maior energia à essa tentativa de esmagar, sob o pretexto de União Nacional, a luta de nosso povo pela independência e a democracia.

No caso concreto das eleições presidenciais, a União Nacional, pregada por políticos cujos interesses se ligam estreitamente aos monopólios norte-americanos, é uma desesperada tentativa de afastar as massas populares da escolha dos futuros governantes do país, uma vez que essa escolha será feita entre duas políticas bem definidas: a do nacionalismo e a do entreguismo. Temem os paladinos da União Nacional que as eleições sejam um fator do aprofundamento da luta entre nacionalismo e entreguismo e resultem na vitória de uma candidatura identificada com o movimento patriótico que hoje empolga o povo brasileiro. Dal os inúmeros golpes tentados contra a candidatura do marechal Lott, que aglutina as grandes forças nacionalistas do país.

A União Nacional tropeça diante de dois grandes obstáculos: a resistência dos setores nacionalistas e democráticos e as contradições que existem no seio das próprias forças reacionárias e pró-imperialistas. Estes obstáculos, particularmente a oposição do movimento nacionalista e das forças populares, têm impedido que as sucessivas tentativas de União Nacional consigam êxito. Mas, como os seus corifeus não desistem dessa política antinacional e reacionária, é necessário que os nacionalistas e democratas estejam sempre vigilantes a fim de não permitir que venha a se consumir nenhuma União Sagrada contra a luta emancipadora e democrática do povo brasileiro.

Prestes e Mao Tsé-Tung Almoçaram Juntos Em Shantung

VISITA A FABRICA DE PAPEL

A delegação de comunistas brasileiros às festividades do 10.º Aniversário de fundação da República Popular da China, chefiada por Luis Carlos Prestes, foi recebida no dia 26 de outubro pelo Presidente do Comitê Central do Partido Comunista Chinês, Mao Tsé-tung, na localidade de Tsinan, província de Shantung. A notícia foi divulgada para todo o mundo pela agência chinesa de informações, «Hsinhua».

Os convidados brasileiros e o dirigente chinês conversaram longamente, e depois almoçaram juntos, em ambiente de grande cordialidade. Em companhia de Mao Tsé-tung estavam Chia-Hsiang, membro do secretariado do Comitê Central do PCC, e Shu-Tung, membro do Comitê Central e Primeiro Secretário do Comitê da Província de Shantung do PCC. Com Prestes, estavam Ramiro Luchesi e Carlos Danieli.

NA UNIAO SOVIETICA

No dia 27, acompanhado por Wang Chia-shang, membro do Secretariado do Comitê Central do PCC, Prestes regressou a Pequim, em avião especial. Quando estiver circulando nosso jornal, Prestes já terá deixado a China, com destino à União Soviética.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO XXXVII

PARTICULARIDADES HISTÓRICAS DA FORMAÇÃO DO PROLETARIADO NORTE-AMERICANO

Foi a partir de 1820-1830 que começaram a surgir nos Estados Unidos os primeiros sindicatos de operários fabris. Organizavam-se por profissões e abarcavam apenas os setores de operários qualificados. Na época, a indústria americana estava ligada ao comércio exterior, com a Europa, e os produtos eram enviados para dentro do país de rotas com as sucessivas ondas de imigração europeia, sempre por parte de operários e artesãos ingleses que fugiam do desemprego gerado pela crescente industrialização na mãe-pátria capitalista. Apesar de terem chegado em 1830, a união não se numa associação geral que abrangia todo o território norte-americano, a verdade é que aqueles sindicatos eram extremamente frágeis, desorganizados e desapareciam em geral nos dois três anos de fundação, logo substituídos por outros de existência igualmente precária. Isso era reflexo da própria instabilidade da composição do nascente proletariado industrial norte-americano, cujas fileiras se viam permanentemente desfiladas com as migrações maciças de trabalhadores que marchavam para o Far West, onde se convertiam em

granjeros e produtores independentes em geral. Essa ausência, que dá origem a quase um século de uma grossa estratagem na classe operária dos Estados Unidos e uma das características importantes do processo de sua formação histórica, não fluía negativamente, ao contrário, na elaboração das formas de luta e de organização dos trabalhadores americanos.

Uma segunda característica possui também, de maneira profunda, no mesmo sentido. A diferença de que se deu no Ocidente europeu — onde a classe operária se formou há pouco tempo, nos vários países pela assimilação interna dos camponeses, artesãos e pequenos burgueses expropriados ou em ruína de cada país — o proletariado norte-americano se constituiu e continuamente se recompos, durante mais de cem anos, através da imigração de não-de-obra europeia. Quando terminou a Guerra Civil o número de imigrantes era já de cinco milhões; em 1914, o seu total tinha atingido a fabulosa cifra de 36 milhões! Eram operários das mais diversas nacionalidades e, desembarcados nos Estados Unidos, tendiam naturalmente, a morar e trabalhar

em áreas próximas a centros de suas compatriotas. Acontecia assim que viviam em coletivos nacionais mais ou menos estranhos uns dos outros, mantendo durante longos anos suas próprias línguas e os hábitos e costumes de seus países de origem. Os burgueses norte-americanos aproveitavam muito cedo a jogar em benefício próprio com o caráter multinacional de seus escravos assalariados. «Vossa burguesia», disse a respeito Engels, «está muito melhor do que o governo austriaco incitar outra: judeus, italianos, tchecos, etc., contra alemães, irlandeses e outros» do modo que em Nova York prevalecem entre os operários «diferenças tais, que seriam inconcebíveis em qualquer outro país».

As duas características que acabamos de citar, acrescentou-se historicamente o fato de que, com a libertação dos escravos, milhares de negros — homens que não eram apenas de outras tantas na-

cionalidades, mas, além disso, de uma outra mentalidade e espantados pelos senhores brancos, foram de choque lançados nas fileiras do proletariado norte-americano. Assim se criaram as condições para o desenvolvimento de um novo fator de desunião e de conflitos no seio da classe operária dos Estados Unidos: a discriminação racial, baseada na pele e sangue pelos linchamentos e pelas provocações terroristas antinegros do Ku-Klux-Klan, fundada em 1865 pelos escravagistas derrotados e sedentos de vingança.

É preciso ter em conta, finalmente, que a fase decisiva de crescimento do proletariado industrial no país ocorreu nos Estados Unidos — como aliás aconteceu também na Inglaterra — em condições em que a revolução democrático-burguesa praticamente se realizara por completo. Referindo-se precisamente à situação do movimento operário na Inglaterra e nos Estados Unidos entre 1870 e 1900

de nossa exposição, foi só depois que a ocupação das terras do Oeste tinha atingido um nível bastante elevado, em seguida à Guerra de Secessão, que o proletariado norte-americano começou a sentir-se e que as organizações operárias de diferente natureza foram igualmente tornando mais estáveis. Em fins do século de 1860, surge a United Workers of America (Operários Unidos da América), sob a direção de Silver, destacado ativista do movimento proletário americano ligado à I Internacional. A United Workers congrega diferentes sindicatos nacionais, cooperativas e outras organizações de trabalhadores. A maioria dos seus chefes era reformistas, e grandes as divergências existentes entre os diferentes grupos da entidade. Hostis a todo caráter internacionalista do movimento operário, posicionou-se em franca oposição à Seção norte-americana da I Internacional, fundada em 1869 por um grupo de emigrados alemães discípulos de Marx. A partir desse ano, a burguesia americana desencadeia uma onda de repressão contra o movimento sindical, que é derrotado em seguida à derrota da Comuna de Pa-

ria. Em 1873 começa uma crise econômica, que precipita a derrota dos sindicatos ante os continuados golpes da burguesia. Morto Silver, a United Workers, comprometida pelos oportunistas e desagregada pelas divergências internas, não resiste à ofensiva inimiga e desaparece em 1875. Não era fácil ao incipiente movimento operário norte-americano, extremamente débil ideologicamente e organizadamente, fazer face aos métodos de luta contra ele empregados pela burguesia, bem características, aliás do seu tempo real, de classe, da famosa democracia americana. Do ponto de vista legal a proletariado podia formar, à vontade, as suas organizações. Ao mesmo tempo, entretanto, a burguesia servia-se com um número de gangsters para «ajustar» contas com os dirigentes operários mais destacados, que apareciam estranhamente mortos por acidente» ou simplesmente assassinados, quando não eram solenemente condenados a morte pelos tribunais como «terroristas», dentro de 24 horas as cerimônias da fúnebre (inclusive testemunhas falsas...), pelo simples fato de terem organizado uma greve...

REFORMA AGRÁRIA PARA ELEVAR O PADRÃO DE VIDA DO POVO

DISCURSO DO DEPUTADO FERNANDO SANTANA (PTB DA BAHIA), SOBRE A NECESSIDADE DE DAR TERRA AOS TRABALHADORES DO CAMPO

A propósito do problema da reforma agrária, o deputado Fernando Santana (PTB, da Bahia) pronunciou na Câmara Federal o seguinte discurso, que obteve enorme repercussão em todas as bancadas:

O SR. FERNANDO SANTANA:

Sr. Presidente Sérgio Magalhães e Srs. Deputados, Esta Casa termina de ouvir o discurso bem proferido e bem pensado do Deputado Passos Porto. O ilustre representante de Sergipe chama a atenção dos Srs. Deputados para um dos problemas mais sérios da nossa pátria, o da agricultura referindo-se à ação do órgão especializado e responsável pelo desenvolvimento desse setor da economia nacional. O Deputado Passos Porto examina a matéria sob o aspecto do crédito, da assistência. Aprecia S. Exa. todos os fatores que hoje estrangulam, de certo modo, o desenvolvimento da agricultura em nosso País.

Mas, Sr. Presidente e Srs. Deputados eu gostaria de retomar nesta tarde um outro ângulo deste problema nacional que é a reforma agrária, ligada indissolivelmente àqueles outros que o ilustre Deputado termina de abordar, referindo-me a um fato que há uns dois anos ocorreu na minha terra. Todos sabem que a Baía de Todos os Santos, tem dentro da sua área uma centena de ilhas, talvez, que poderiam ser verdadeiras hortas, verdadeiros pomares, tal a uberdade do solo e a quantidade de água que nelas existe. Aquelas ilhas, porém, exclusivas apenas a de Itaparica, onde o Conselho Nacional de Petróleo fez brotar essa substância de libertação nacional que é o petróleo, e a de Madre Deus, que hoje serve de porta para embarque e desembarque dos grandes navios petroleiros, estão todas em absoluto abandono.

Dentro da Baía de Todos os Santos, nesta época ensolarada de verão, grande parte dos homens que habitam a Cidade do Salvador se transfere para as ilhas e um dos pontos onde eles vão, de preferência, procurar clima mais ameno e o reforçamento das suas energias, gastas no trabalho, é justamente o denominado Mar Grande, na Ilha de Itaparica. Pois, certa vez, dezenas de homens que aí chegavam foram acossados por centenas de indivíduos residentes no local, que disputavam o carregamento de suas malas. Um dos senhores que procuravam férias naquela parte da Ilha de Itaparica, aborrecido por ver lutando por carregar malas, homens em condições de trabalhar, disse-lhes, mais ou menos irritado: «Por que os senhores não vão plantar? Por que os senhores não vão aproveitar essas terras e produzir coisas para esta cidade, que está necessitando de tantos alimentos?»

E o homem simples, de pé no chão, humilde, deu-lhe resposta que vale por uma condenação a esse sistema de propriedade que impera em nosso País. O preto respondeu-lhe apenas estas palavras: «Senhor, quando nós procuramos malas para carregar, é porque a cerca começa onde a areia termina».

Esta frase simples de um homem do campo — «a cerca começa onde a areia termina» — define perfeitamente a situação de todos eles, que embora queiram trabalhar, não têm terra, onde possam fazê-lo, porque a cerca começa onde a areia termina. A cerca significa a propriedade latifundiária neste País.

A TERRA É ENFEUDADA

Gostaria, Sr. Presidente, ao focalizar este problema, de lembrar alguns dados que considero os mais importantes, entre aqueles que o recenseamento de 1950 coletou no país inteiro. Todos sabemos que, da nossa população de 61 milhões de habitantes, 40 milhões residem no campo.

Para 12 e meio milhões de pessoas ativas, em idade de trabalhar e produzir, que estão no campo, existem apenas 2 milhões de propriedades agrícolas. Assim, se cada dono de terra, no Brasil, possuísse apenas uma propriedade, 10 milhões e 500 mil pessoas ativas estariam sem terras para trabalhar. Todavia, com o auxílio da Bahia dos donos de 60 e 70 fazendas; muitos possuem 10, 15 ou 20; e não são poucos os de duas e três. Conforme verificamos, realmente é muito maior o número daqueles que, em atividade não têm terras para produzir neste País. Os 2 milhões de propriedades podemos afirmar que talvez pertençam apenas a 1 milhão e 200 mil proprietários, o que eleva de 10 milhões e 500 mil para 11 milhões e 300 mil o número de pessoas ativas no campo que não têm terra para produzir.

Este dado, porém, não é absolutamente o mais importante. A área dessas propriedades agrícolas é de 200 milhões de hectares. Desse 200 milhões de hectares, que compreendem a 23% da área do País, apenas 22 milhões são de terras trabalhadas. Isto é, pouco mais de 10% da área total, o que implica em dizer que 90% da área das propriedades agrícolas são de terras que não estão produzindo coisa alguma. Pior ainda: apenas 8% desses 22 milhões de hectares de propriedades controlam 75% da área total das propriedades.

O Sr. João Menezes — Com satisfação estou ouvindo a exposição de V. Exa., mesmo porque, o problema agrário no Brasil deve ser ventilado a todo momento, a fim de que possamos obter os subsídios necessários para uma possível modificação na nossa política. Quero dizer que reconhecemos essa deficiência de aproveitamento agrário no País, que nossas terras não estão trabalhadas, não estão cultivadas. O que de precisamos, em primeiro lugar, parece-me, é examinar as causas fundamentais dessa deficiência, dessa falta de trabalho das terras brasileiras. Na região amazônica, por exemplo, que representa quase 48% do território nacional, temos uma densidade de habitantes que não chega talvez a um habitante por quilômetro quadrado. Encontramo-nos, então, diante de um problema fundamental, qual seja o da povoação, da colonização dessas terras para melhor aproveitamento. Era a colonização que desejava dar movimento a V. Exa.

O SR. FERNANDO SANTANA — Agradeço o aparte do nobre vice-líder João Menezes, mas gostaria de lembrar, antes de voltar ao fio do meu discurso, que realmente me referi aqui a propriedades agrícolas. Eu disse que elas ocupam apenas 23% da área total do nosso País. Evidentemente, essas áreas imensas da Amazônia e do Mato Grosso não estão arroladas no censo. Como é também evidente que a rarefação populacional do Amazo-

nas e de outros Estados não nos leva, nobre vice-líder, a julgar da necessidade de se distribuírem as terras nessas regiões, porque não se pode, absolutamente, pensar em termos de reforma agrária, ou de distribuição de terras, onde não há massas capazes de consumir e produzir que essas terras, voltem a dar.

Eis, a nosso ver, um dos enganos que se cometem neste país — o de se afirmar, a uma voz, que onde existem tantas terras, e tão fracamente povoadas, se impõe a reforma agrária. Não, Srs. Deputados, a reforma agrária é exigência para regiões onde existe população consumidora e cujas terras, sejam enfundadas, essas propriedades, segundo dados estatísticos, em vez de se pulverizarem na conformidade do nosso direito sucessório pois, sabemos, os imóveis pelo falecimento da cabeça da família, tendem a ser pontilhados — estão-se concentrando nas mãos de um número menor de proprietários.

O Sr. João Menezes — V. Exa. concede outro aparte?

AMPLIAR O MERCADO INTERNO

O SR. FERNANDO SANTANA — Concedo-lhe com prazer. Antes de permitir a V. Exa. nova intervenção, gostaria, entretanto, de oferecer ao exame dos nobres colegas a seguinte observação: pelo Censo de 1940, segundo Fabiano Conrado Lidger, um dos nossos maiores estatísticos, se tomarmos a variação de 0 a 1 — sendo 0 a equidistribuição das terras do país e 1 a concentração máxima de terras enfundadas — o índice para o Brasil



era de 0,67. Mas, 10 anos depois, em 1950, esse índice passou a 0,84, demonstrando que o enfundamento da propriedade, que a concentração da propriedade torna-se cada dia mais intensa em nosso País, ao contrário do que se poderia pensar, segundo a lei de sucessão.

Tem V. Exa. o aparte?

O Sr. João Menezes — Nobre Deputado, continuo a ouvir o desdobramento do discurso de V. Exa., e quero oferecer pequeno subsídio. Realmente, o número de propriedades agrícolas existentes no nosso País não está de acordo com as nossas necessidades, não está de acordo com as nossas condições de produção. Mas, nobre Deputado, como criar novas propriedades agrícolas, como criar novos meios de produção agrícola se não olhamos ainda para o principal? Se não educamos o nosso povo no sentido do aproveitamento da terra, não o ensinamos a usar o trator e o arado, não lhe damos sequer um machado, um terçado e a enxada, como vamos querer melhorar nossa propriedade agrícola? No nosso entender — e é um ponto-de-vista ainda sem grande profundidade, mas fruto da observação no interior deste País, quer no Sul, quer no Nordeste, quer na Amazônia, ou onde acompanhamos o problema — o que falta à nossa gente, o que falta a todos nós, são os meios de produção. Não temos crédito, não temos utensílios, não temos materiais, não temos máquinas, não temos instrução agrícola. Como sair do caos em que nos encontramos? Assim, nobre Deputado, a V. Exa., uma das inteligências vivas desta Casa do Congresso, em tomava a liberdade de alertá-la para este aspecto que, a nosso ver, é fundamental, é básico, se queremos realmente melhorar a produção agrícola do nosso País, máxime agora, quando estamos na fase acelerada do desenvolvimento industrial que não vem sendo acompanhado pelo desenvolvimento agrícola.

O SR. FERNANDO SANTANA — É verdade que o desenvolvimento agrícola não tem acompanhado na mesma proporção o desenvolvimento industrial. Mas aquelas medidas que V. Exa. sugere devem ser tomadas — e estou de acordo em que elas são necessárias — isto é, dar máquinas, assistência, crédito, tudo o que é necessário realmente ao homem do campo, não são suficientes. Se dermos tudo isso, continuário do mesmo modo 11.300.000 homens sem terra.

Resta, então, nobre Deputado, para o próprio desenvolvimento industrial a que V. Exa. se refere, a reforma agrária. Ela se torna uma das metas mais importantes para o nosso desenvolvimento, e é uma meta conservadora, porque hoje, na situação a que nosso País chegou, a reforma agrária não significa absolutamente uma exigência revolucionária. É, antes de tudo, medida que visa atender, que visa a assegurar perspectivas a essa indústria que está aí sem campo e sem meios de se desenvolver, uma vez que o seu mercado interno se tornou tão inelástico, tão saturado nas áreas monetárias que o País possui, que somente transformando-se em consumidores dessas 12.000.000 de homens que nada produzem e que ora nada podem comprar, se logrará garantir o desenvolvimento industrial de nossa Pátria.

Nobre Deputado, não temos uma indústria em condições, neste instante, de concorrer no merca-

do internacional com as indústrias das grandes potências. A indústria brasileira tem, antes de tudo, que se voltar para o seu mercado interno. E só poderemos dar à indústria as garantias de que ela necessita para seu desenvolvimento, se criarmos maior capacidade de compra no País, se dermos a esses milhões de homens que, como legiões de fantasmas, de miseráveis, andam pelas estradas sem campos para trabalhar, sem terras nas quais possam produzir, terras nas quais possam criar riquezas e obter meios de comprar dos industriais os seus produtos, que já começam a encolher nas fábricas por falta de compradores.

O Sr. João Menezes — Permite-me novamente, nobre Deputado. Não estou aqui, na verdade, expendendo um ponto-de-vista quanto à reforma agrária, mas apenas apontando a V. Exa. algumas facetas pelas quais examinamos o problema. Verifico que V. Exa., na sua argumentação, aliás a mais vulnerável de todo o seu discurso...

O SR. FERNANDO SANTANA — Gostaria que V. Exa. vulnerasse a argumentação.

O Sr. João Menezes — Quando estabelece paralelo entre o desenvolvimento agrícola e o desenvolvimento industrial.

DAR TERRA E ASSISTÊNCIA AOS CAMPONESES

O SR. FERNANDO SANTANA — Não estabeleci paralelo. V. Exa. afirmou que existia defasagem entre, antes, profunda diferença de crescimento entre o desenvolvimento industrial e o agrícola. Aceitei a tese, mas pretendo mostrar a V. Exa., e a esta Casa que, para garantirmos o desenvolvimento industrial de nosso País, devemos, quanto antes, pensar na reforma agrária, que ampliará a nossa capacidade industrial, estreitamente dependente da existência de mercado interno.

O Sr. João Menezes — Permite V. Exa., que eu termine.

O SR. FERNANDO SANTANA — Pois não.

O Sr. João Menezes — V. Exa. defenderia, talvez, segunda a qual devia haver, primeiro, o desenvolvimento agrícola para sustentar o desenvolvimento industrial. Ao contrário.

O SR. FERNANDO SANTANA — Não defendi nenhuma prioridade de desenvolvimento.

O Sr. João Menezes — O desenvolvimento industrial poderá criar novas condições para conseguirmos meios de melhorar a nossa situação econômica e financeira e, então, chegarmos às soluções para uma melhoria agrícola. Querira, porém, assinalar o seguinte: se V. Exa. for ao Nordeste, ou mesmo ao Sul ou ao interior, próximo da Capital, e dividir pequenos lotes de terra, não vai encontrar muita produtividade, porque não há gente capaz de utilizá-los em condições agrícolas, favoráveis à economia dessas mesmas terras.

V. Exa. não encontra quem use os materiais, as máquinas e utensílios, por que não há prova evidente de que estão fazendo, verifica-se nos arredores da Capital Federal. Que acontece com as propriedades agrícolas situadas nessa área? Estão desaparecendo, transformando-se em loteamentos utilidade. Então, no nosso entender, temos que fazer, em primeiro lugar, uma redução ou, melhor, uma educação do nosso povo no sentido de utilização dos meios, dos métodos de que podem dispor, se quisermos, realmente, partir para um desenvolvimento agrícola que acompanhe as necessidades do crescimento da Nação brasileira.

O SR. FERNANDO SANTANA — Quando V. Exa. afirma que, nos arredores desta cidade, desapareceram as propriedades agrícolas, V. Exa., ao mesmo tempo, com seu argumento, apresenta a razão de ser desse desaparecimento: a grande exploração imobiliária que hoje domina quase todas as áreas das grandes cidades brasileiras. Esta a explicação — e V. Exa., mesmo a deu — desse fenômeno do desaparecimento das propriedades agrícolas vizinhas dos grandes centros populacionais de nosso País. Se fomos esperar a educação ou reeducação do povo brasileiro para, então, formularmos os termos de uma redistribuição de terras no Brasil, estaremos, apenas, mentindo a uma situação que já existe; estaremos, apenas, querendo ludibriar este povo com mais fórmulas de educação, com mais fórmulas de reeducação, que nada podem resolver, na verdade, diante do enfundamento da terra. Gostaria de lembrar a V. Exa., para terminar minha oração — já que está quase esgotado o meu tempo — que há poucos dias, viajando de ônibus desta Cidade do Rio de Janeiro para a de São Paulo durante as 4 horas em que havia luz do dia não encontrei, Sr. Deputado João Menezes, nem um só homem trabalhando nesses 230 quilômetros percorridos entre as duas cidades. Este Vale do Paraíba, que há alguns dez anos constituiu uma das áreas mais produtivas do País, hoje está completamente abandonado.

O Sr. João Menezes — Esses homens não têm instrumentos, não têm técnica moderna para produzir, não têm sementes para plantar e não têm crédito.

O Sr. Fernando Santana — Não tem terra para plantar!

O Sr. João Menezes — Não tem crédito para aproveitar a terra. Se tivéssemos terra, se encontráramos abandonada, não estaria sendo utilizada, porque o uso da terra não é hoje compensado, com métodos que trabalhamos. E se é verdade que não aceita aquela cêbrete lei da renda da terra do Ricardo, é também verdade que reconhecemos poderemos buscar na agricultura, um forte alento para que esta Nação continue sua trajetória.

O SR. FERNANDO SANTANA — Nobre Deputado, gostaria de, enfundando este debate que vimos aqui mantendo, dizer a V. Exa., que reforma agrária, na sua concepção mais ampla, não significa, de nenhum modo, apenas a distribuição de terra. (Muito bem). Reforma agrária significa um conjunto de medidas, não só de distribuição de terras, mas também assistência técnica, creditícia, educacional, enfim todo tipo de assistência que o Estado é obrigado a dar aos homens do campo. Reforma agrária não é só a terra; é, além disso, nobre Deputado João Menezes, dar meios técnicos e financeiros, sementes, tudo aquilo que possa realmente contribuir para que os homens tenham capacidade de produzir na terra.

O Sr. Philadelpho Garcia — Minhas congratulações, nobre Deputado. Agora V. Exa. falou na linguagem em que se deve falar a todo o Brasil, pois esta é a tese que mais se aproxima, da realidade, levando-se em conta as condições peculiares a toda região do País.

O Sr. Dirno Pires — Quería felicitar V. Exa., por vir, mais uma vez, abordar este tema. Lamentável é que esta Casa esteja como que anestesiada, deixando que morram nas gavetas...

A CAMARA ATENDE AOS LATIFUNDIARIOS

O SR. FERNANDO SANTANA — Não! V. Exa. se enganou. Esta Casa não está anestesiada. Antes que V. Exa. termine seu aparte, queria interterir, para lembrar que aqui tivemos em curso 16 projetos que beneficiavam os grandes pecuaristas, os grandes plantadores de café. Treze deles foram aprovados por esta Casa, nobre Deputado. A Câmara não está anestesiada, como vê V. Exa.

O Sr. Dirno Pires — Está anestesiada.

O SR. FERNANDO SANTANA — Apenas não está respondendo aos anseios do povo.

O Sr. Dirno Pires — Não é bem isso. Esta Casa é repleta de uma reforma de base, mais profunda, ficando às vezes mais interessada nas medidas paliativas.

O SR. FERNANDO SANTANA — Perfeitamente.

O Sr. Dirno Pires — ... do que propriamente naquelas de grande programa. É exatamente isso que se precisa ter em mente; não resolver aquelas medidas de momento. Devemos abordar mais profundamente os programas, porque temos que resolvê-los em profundidade. Os projetos de assistência à agricultura que se encontram nesta Casa ainda estão em início de tramitação, mal foram distribuídos às primeiras comissões técnicas. O projeto que apresentei, há quatro meses, ainda se encontra na Comissão de Justiça aguardando parecer sobre a sua constitucionalidade. Não se pretendia dar recursos ao agricultor, ao homem do campo para realmente desenvolver a sua produção. É buscando recursos exatamente nas taxações sobre importações, que hoje têm destino ignorado, é com base exatamente nisso e no uso comercial da propriedade que temos de encontrar solução para esse grave problema que desafia a argúcia desta Casa.

O SR. FERNANDO SANTANA — O nobre Deputado realmente trouxe uma contribuição. Apenas não aceita a expressão de que a Câmara está anestesiada. Não! A Câmara vem funcionando sempre na defesa dos interesses daqueles que podem reclamar, que podem gritar, que podem protestar. A Câmara, Sr. Deputado, como disse há pouco, dos 16 projetos que beneficiavam os grandes plantadores, os grandes criadores, soube aprovar com presteza 13 desses projetos, inclusive aqueles que davam moratória e depois estenderam o perdão das dívidas dos pecuaristas. Esta Câmara apenas ainda não sentiu que já chegou o momento de assumir a sua responsabilidade histórica e dar a este País as leis que ele reclama para o seu desenvolvimento.

Este País, nobres Deputados, não está apenas dependendo de uma lei de reforma agrária. Para que a Câmara se coloque à altura do povo brasileiro neste instante histórico, não basta a aprovação do projeto de reforma agrária; ela tem a obrigação de aprovar também outras leis, como, por exemplo, a da nacionalização dos bancos, do controle da remessa de lucros de capitais estrangeiros e toda uma série de instrumentos que possam dar ao próximo dirigente desta Nação elementos que o salvaguardem de um fracasso total. Dar meios a esta Nação para se defender e criar riquezas para os seus filhos, e não de possibilitar a exportação dos lucros aqui obtidos para enriquecer mais ainda aqueles que já são ricos. O que reclamamos desta tribuna não é apenas que esta Casa tome conhecimento da situação injusta que havia em nosso campo, mas que aprove aquelas leis sem as quais o Brasil não poderá progredir, porque ninguém acumula riqueza exportando os seus lucros.

O Sr. Salvador Losacco — Dá licença para um aparte?

APELO À UNIDADE

O SR. FERNANDO SANTANA — Não é possível, nobre Deputado. Sinto profundamente não poder conceder o aparte ao meu nobre amigo e colega Salvador Losacco. Restam-me dois minutos e quero, sem transpor os limites que o Regulamento nos impõe, terminar com um apelo sem distinção, mas um apelo de criação, um apelo do homem que nasceu nesta terra e que quer vê-la forte e engrandecida.

Eu gostaria de retomar aquela história do homem simples que respondia àqueles que procuravam repouso na Ilha do Mar Grande. Ao dizer-lhe que a cerca começa onde a areia termina, expressava uma grande, uma profunda verdade da realidade nacional. A cerca que aquele homem rude levantava, como um símbolo, para quem o queria multitar apenas porque pretendia alguns mil-réis pelo transporte de uma mala, traduz-se, à luz dos dados do Censo, como o enfundamento da propriedade. Estas palavras simples nos levam a meditar na injustiça que começou quando, em 1530, se distribuíram as terras em capitulções hereditárias, distribuição feudal e atrasada que predominou pelos séculos afora. Estávamos, a esta altura de 1959, convocados, sem distinção de partido, nem de credo, para, retomando o estudo e o exame do problema, dar ao País uma lei que o ajude a sair deste atoleiro, porque, não se enganem, não é apenas com a educação do homem do campo, não é apenas com o crédito, não é apenas com máquinas, que poderemos levantar a produção agrícola.

Mesmo se dermos tudo isso e mais alguma coisa, aos homens do campo, se não fizermos a reforma agrária, mais de onze milhões de pessoas ativas sem ter onde empregar sua força, ou empregando-a mal, como meeiros, trabalhando em terras de outrem, para dar a quem as possui 50% da sua produção.

Gostaria de, concluindo este discurso, com vocar humildemente, serenamente, todos os homens de responsabilidade que representam o povo brasileiro nesta Casa para, de braços dados, agirmos como os homens daquela aldeia ameaçada pela tempestade; tiveram de ceifar todo o trigo numa tarde e, depois de recolhê-lo ao armazém, sentiram que faltava uma criança; um ancinho lembrou, então, que se todos se dessem as mãos e formassem um grande círculo em torno da área onde fora feita a colheita, estreitando-o cada vez mais, a criança teria de ser encontrada. E realmente o foi, graças ao espírito de cooperação de todos os habitantes da aldeia.

Este exemplo serve-me para pedir a todos que, de mãos dadas, numa solidariedade patriótica, tenhamos a coragem cívica, que um só pode ter, mas todos reunidos têm certamente, de dar à nossa Pátria as leis de que necessita para garantir a sua soberania e o seu futuro. (Muito bem! muito bem, Palmeas).

São Paulo: Ameaçados De COLAPSO Os Transportes Coletivos

SAO PAULO (Da Sucessor) — Se urgentes providências não forem adotadas, o colapso total virá substituir a crise ora existente no sistema de transportes coletivos desta capital. De um lado, o prefeito ameaça publicamente acabar com a CMTC por falta de recursos financeiros e devido à péssima situação econômica em que se encontra a concessionária. Por outro, as empresas particulares de ônibus insistem em não cumprir o acordo salarial firmado com os trabalhadores, se não houver aumento de tarifas ou subvenção.

— ainda que isso possa levar a consequências imprevisíveis — em defesa de sua sobrevivência e de suas famílias. 5 — Diante desses esclarecimentos, as entidades sindicais chamam a atenção do povo de São Paulo para a gravidade da situação, reiterando que qualquer medida, que, em dias futuros, possa ser tomada, não será contra o povo, mas sim contra uma situação de angústia, provocada pela inoperância dos poderes públicos municipal, estadual e federal.

GREVE GERAL

Foi também divulgado um manifesto pela Comissão Paulista de Combate à Carestia, com dezenas de assinaturas de dirigentes sindicais, estudantes, populares e donas-de-casa, no qual é ratificada a deliberação de greve geral, caso não sejam atendidas várias reivindicações, entre as quais medidas visando impedir o aumento de tarifas. Essa mesma comissão, acompanhada de numerosa delegação, esteve na Prefeitura, em audiência especial com o sr. Adhemar de Barros, discutindo o problema da CMTC.

Isoladamente, sindicatos operários e grêmios estudantis estão estudando a questão. Vereadores deverão ser convocados em sessão extraordinária para examinar o assunto. Na Assembléia Legislativa, a CMTC é alvo de debates. Enquanto isso, as autoridades responsáveis brigam entre si. O governador do Estado resolveu processar o prefeito da Capital, acusando-o de incitamento à desordem.

A SITUAÇÃO DA CMTC

Levantando o problema perante a opinião pública através dos jornalistas convocados para uma entrevista, o chefe do Executivo paulistano afirmou que a CMTC beira a calamidade e a Prefeitura não tem meios para solucionar a situação. Frieou o sr. Adhemar de Barros: — "Mas Estado e República arrecadam em São Paulo dezenas de bilhões de cruzeiros e nada retribuem à Capital. Ainda há pouco, o governador Carvalho Pinto reclamou da CMTC o urgente pagamento de uma dívida ao Banco do Estado, dívida essa originária da administração Jânio Quadros, a que o atual governador serviu. Demais, o que representa uma dívida de 600 milhões de cruzeiros para o Estado, se é arrecada na capital 45 bilhões num ano?"

Embora o prefeito tenha ensaiado unilateralmente as causas da dificuldade da CMTC e procurado fugir a responsabilidade por essa forma simplista, não se pode negar que é imprescindível a ajuda efetiva dos governos do

CMTC às portas da falência e as empresas particulares insistem no aumento de tarifas — Brigam as autoridades e o problema se agrava

Estado e Federal, principalmente agora. É tão premente a situação da CMTC que nem a inaceitável e habitual majoração de tarifas poderá resolver. Senão vejamos.

nistração operante. Nesse particular pode-se lembrar que embora os estatutos da CMTC estabeleçam a vigência de 4 anos para cada administração, em 13 anos de existência a concessionária teve 21 diretorias

essas deficiências, bem como com as negociações de que se tem notícia dentro da empresa.

SOLUÇÕES

Certamente os transportes coletivos particulares não constituem solução, pois visam lucros escorchantes. A solução consiste na radical melhoria da CMTC, na aplicação de medidas oportunas, muitas das quais mencionamos, e na sua estabilidade econômica. De imediato urge ajuda dos governos Estado e Federal, aprovação do projeto Mário Câmara, subvencionando a empresa com 350 milhões de cruzeiros destinados ao pagamento de salários e abono de Natal aos seus empregados e, como medida a longo prazo, a aprovação do projeto de mesmo edil, que estabelece a autarquização da CMTC.

UM POUCO DE HISTORIA

A CMTC foi criada em 1946, pelo decreto-lei 15.598. Inicialmente, o seu capital era de 250 milhões de cruzeiros e em 1953 foi aumentado para 500 milhões, assim distribuídos: 51% da Prefeitura, 29% do Estado, 12% da Light e 8% de antigas empresas particulares. Até hoje ainda não liquidou as ações pertencentes à Light, correspondentes a 60 milhões de cruzeiros embora ela explore o setor, cobre "aluguéis", etc.

Durante o ano de 1958, segundo balanço publicado pela empresa, 52,88% da arrecadação da CMTC foram destinados ao pagamento de salários de seus empregados. Enormes percentagens foram gastas com pneus e câmaras, aluguéis e outras despesas.

Isso dá uma idéia de suas despesas sempre crescentes, aumentando continuamente o déficit que, em fins de 1958, era de Cr\$ 2.770.694.522,00.

Até agora, a única solução utilizada foi a do aumento de tarifas, recaindo os efeitos das dificuldades da concessionária diretamente sobre o povo. Nota-se, porém, que cada vez que aumentam os preços das passagens, diminui o número de usuários. Comparando-se dados publicados em janeiro de 1956 e janeiro de 1958, observa-se que caiu de 2.051.141 para 1.500.031 o número de passageiros da CMTC.

A FROTA DE VEICULOS

A frota de veículos é composta de 1.500 carros. Em 1958, a metade se encontrava em tráfego e 750 deviam ser renovados. Já atualmente, segundo o sr. Adhemar de Barros, encontram-se em circulação apenas 600 veículos.

Por quê? Porque na maioria deles há falta de peças, muitas das quais a própria CMTC poderia fabricar, uma vez reajustados os salários e feita a devida classificação dos mecânicos.

Para isso, são necessários recursos financeiros e admi-

FILHOTISMO E DESORGANIZAÇÃO

Em 1958, o número de empregados da CMTC era de 12.298. Comparando com o número de veículos em circulação naquele ano, vê-se com clareza que há exagero.

Para terminar com o prejuízo que as condições atuais acarretam, algumas providências devem ser tomadas. Existem departamentos inoperantes, a fiscalização é demorada. O serviço burocrático é muito grande e o número de chefes enorme. Uma boa administração adotaria medidas para acabar com

O MUNICIPALISMO SAIU DA SUA FASE ROMÂNTICA

Sobre o V Congresso Nacional de Municípios (Recife) fala a NOVOS RUMOS o sr. Yves de Oliveira

O V Congresso Nacional de Municípios, em Recife, será um marco definitivo, sob diversos aspectos, — de vitória da doutrina municipalista e da necessidade de encontro de outros fundamentos ideológicos e institucionais para o regime político brasileiro — com essas palavras iniciou sua entrevista a NOVOS RUMOS o sr. Yves de Oliveira, vice-presidente da Associação Brasileira de Municípios.

Assinalou o suplente de deputado federal do PTB pela Bahia: "Podemos acentuar os fatores que informam a atual conjuntura política e social no âmbito do Movimento Municipalista, nos seguintes itens:

- 1) o encontro da unidade conceitual da doutrina e sua universalização;
- 2) o êxito da descentralização do Movimento, através das Entidades Associativas dos Estados;
- 3) o caráter nitidamente nacionalista do Movimento;
- 4) as tendências politiocorporativas em face da sucessão presidencial;
- 5) o sentido de massa, caracterizando aspectos ideológicos do Movimento;
- 6) os angustiantes problemas do Nordeste e suas soluções de um ponto de vista nacional.

FASE DECISIVA

Proseguindo a sua entrevista, acrescentou o líder municipalista baiano: "A fase atual do Movimento Municipalista é a mais séria de sua história, vez que se procura ajustar seu pensamento doutrinário à realidade brasileira e as novas condições da economia mundial. A primeira fase do Municipalismo brasileiro foi romântica, começando com o nosso descobrimento até a Constituição Nacional de 1946. A segunda, ob-

«México Rebelde»: Realidade em tom de romance

Qual o jovem que se interessou pela história do mais extraordinário acontecimento da história contemporânea — a Revolução russa — que não leu "Dez dias que abalaram o Mundo"?

Pois do mesmo autor — John Reed — um dos mais notáveis repórteres de todos os tempos, é a obra que acaba de lançar a Editora Zumbi, de São Paulo — "México Rebelde".

Neste livro, o homem cujas cinzas repousam hoje nos muros do Kremlin focaliza um dos mais interessantes movimentos populares da América Latina: a guerra camponesa do México em 1910.

John Reed viveu aqueles acontecimentos. Era um jovem norte-americano metido numa das mais sensacionais aventuras do Continente neste século. E soube traduzir e transmitir-nos o espírito de abnegação de chefes saídos do seio da massa revoltada — os Madero, os Pancho Villa — mostrando-nos tais quais eram: homens que aspiravam a uma Pátria livre e soberana, com um povo livre e feliz. "México Rebelde" tem aquele mesmo sabor de vida e romance que tornou "Dez dias que abalaram o Mundo" um livro popular entre as gerações de jovens de 17. Encanta pelo seu estilo, pela sua objetividade, pela simpatia que não sabia ocultar o Autor para com os valentes comandantes e comandados da revolução mexicana.

DESAPARECE UM VELHO JORNALISTA

A imprensa de S. Paulo vem de perder um dos seus legítimos profissionais na pessoa do velho jornalista João Lima Santana, antigo redator dos "Diários Associados", que faleceu a 22 do corrente, aos 59 anos de idade.

Durante uma fase difícil da existência do diário "Hoje", que por vários anos levou aos trabalhadores de São Paulo a palavra dos comunistas e de setores avançados da opinião nacional, Lima Santana ocupou a secretaria do jornal e deu ali o melhor de sua existência, destacando-se pela sua modestia e espírito de sacrifício.

Recentemente, Lima Santana sofreu um golpe ao perder seu filho Matias Lima Santana, como o pai um entusiasta dos ideais do comunismo. João Lima Santana deixa viúva a sra. Maria Elisa Camargo Santana, e os filhos, João Lima Santana Filho, ex-secretário de "Notícias de Hoje", casado com a sra. Maria Lídia Guimarães Santana; Neusa, casada com o sr. Oscar Pinheiro Coelho; Maria Justina, casada com o sr. José Gonçalves Elias Neto e Léa, casada com o sr. Luis Carlos Cerqueira Passos.

DEFESA DA ESCOLA PUBLICA

Com mais de seis milhões de crianças sem freqüência escolar, para uma população escolarizável de cerca de 12 milhões, a deficiência das finalidades da educação asilada não pode ser motivo para, num projeto de retízes e Bases de Educação, como o que se encontra na Câmara Federal, ser golpeada a instituição da escola pública primária. Diz o art. 156 da Constituição, numa irmação democrática, que a educação é direito de todos. Esse direito, por sua vez, ainda não é exercido em toda a sua plenitude pelo povo brasileiro, considerando que o número de unidades escolares correspondem a apenas 54% das necessidades, estando muito aquém do crescimento vegetativo da população infantil.

Mesmo assim, há toda uma conjura contra essa conquista limitada, no sentido de retirar das mãos do Estado o dever de educar, para transformá-lo num privilégio para a indústria do ensino particular. Num país como o nosso, isso significa que o analfabetismo continuará em seu vergonhoso crescimento, o que contribui para prejudicar o ritmo do desenvolvimento nacional, tanto política como economicamente. Se como tanto desejam as forças reacionárias, comandadas pelo sr. Carlos Lacerda, em nome de uma falsa moral familiar, o Estado deixa de ser compelido a prover o ensino primário, como poderão fazê-lo os pais sem recursos? Basta ver o problema do ponto-de-vista geográfico, para entender que o fator econômico não permitiria, nunca, a erradicação do analfabetismo, através do ensino particular: no Sul, onde as condições econômicas, por razões óbvias, são melhores, a cota de alfabetização atinge a 57,3%, enquanto no Norte não vai além de 25,2%. A situação financeira das famílias e as necessidades de uma mão de obra qualificada para o desenvolvimento econômico do país, colocam, como problema básico da educação no Brasil, por princípio lógico e universal de direito desde a Revolução Francesa, a popularização do ensino primário, que corresponde à instituição da escola pública. Daí o absurdo de um projeto de Diretrizes e Bases de Educação, que é o resultado do acordo entre deputados da maioria e os advogados de colégios particulares, que estão defendendo, por tabela, os 70% de estabelecimentos de ensino médio pertencentes a ordens religiosas, com essa história de moral familiar. Imoral, na verdade, é deixar uma criança analfabeta, e esse perigo estão correndo os filhos dos trabalhadores, por isso lhes cabe, particularmente, a defesa da escola pública.

ANA MONTENEGRO



O caráter do Movimento é nitidamente nacionalista, afirmou o sr. Yves de Oliveira.

de condições de utilização moderna, no mesmo momento histórico. Com esse espírito iremos ao Recife, disposto a não permitir que predomine naquêles conclave o frio cálculo dos interesses menos altos e de uma influência política menos sensível aos anseios e definidos anseios políticos do povo brasileiro, inclusive os de sentido nacionalista.

UM MINIMO DE CONDIÇÕES

— "O Municipalismo" — esclareceu finalmente o dr. Yves de Oliveira — não é sentimental fortalecimento do Município; é, mais que isto, uma doutrina com metodologia própria e sentido ideológico que visa contribuir para dar, a cada homem e a cada comunidade, um mínimo

CUNVERSA DI CAMPONÊIS

(Bolação de Zé Tavêra, dedicada a Zé Praxedo o poeta vaqueiro)

Já inscritei se falá dessas coisa na cidade.

— A terra é di quem trabá e di quem sua prantandu, i nunca dêsse qui véve nossa miória explorandu.

Vancê intão tá pensando qui nós nacemos igua foi pra uns vivê forgado i ótros só pra trabá?

— Bestêra, Zêca, bestêra... Nós num gastêmo um tustão. Vancê sabe muito bem qui esta terra e du patrão.

Tá certo qui um cristão se mate só num roçado pra quando vem a colêta se dono só dum bucado?

— Du patrão... E' o qui se diz. I quem foi qui lhi vendeu? — Na certa comprô di ótro. — Na certa comprô di ótro, i ére ótro, qui vendeu, herdô ou comprô di ótro, qui há muito tempo morreu...

A méia, cumpadre, a féica, é formas di exploração. Si parasse aí, vá lá, mais num é só isso, não.

Nada disso, meu cumpadre! Quem cunhece as iscritura também cunhece as orige de tódas as criatura.

Tem gente qui cerca terra só mesmo módi cercá, qui nela nunca trabáia nem dexa si trabáia.

Quando o mundo começô num tinha dono di nada. Vai vé qui foi um sabido quem inventô a impreitada...

— Mais isso inziste. Só Zêca, piu módi da distinção entre a gente qui é letrada e os qui num tem instrução.

— Váham, Nossa Senhora! Cumpadre Zêca Morêra, Vancê já chegô na idade di falá menos bestêra...

— Num inziste adereferença, o qui inziste é exploração. Mérimo assim, sem sé letrado, Vancê tem cumpriensão.

— Num é bestêra, cumpadre pode até qui é verdade.

Os ótro, qui são sabido, qui sabe lê i inscrevê, pensa qui a ingninorância impata a gente di vé.

(continua)

LIVROS MARXISTAS

NOVAS EDIÇÕES DE "PUEBLOS UNIDOS" (MONTEVIDEU)

★ DICCIONÁRIO FILOSÓFICO ABREVIADO

— M. Rosental y P. Iudin

★ LA IDEOLOGIA ALEMANA

— Carlos Marx y Frederico Engels

★ PENSAMIENTO Y LENGUAJE

— Instituto de Filosofia de la Academia de Ciências de la URSS

★ MATERIALISMO Y EMPIRIOCITICISMO V. I. Lenin

★ PROBLEMAS FUNDAMENTALES DE LA PEDAGOGIA

N. A. Konstatinov

A. L. Savich, M. T. Smirnov

À VENDA NA

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

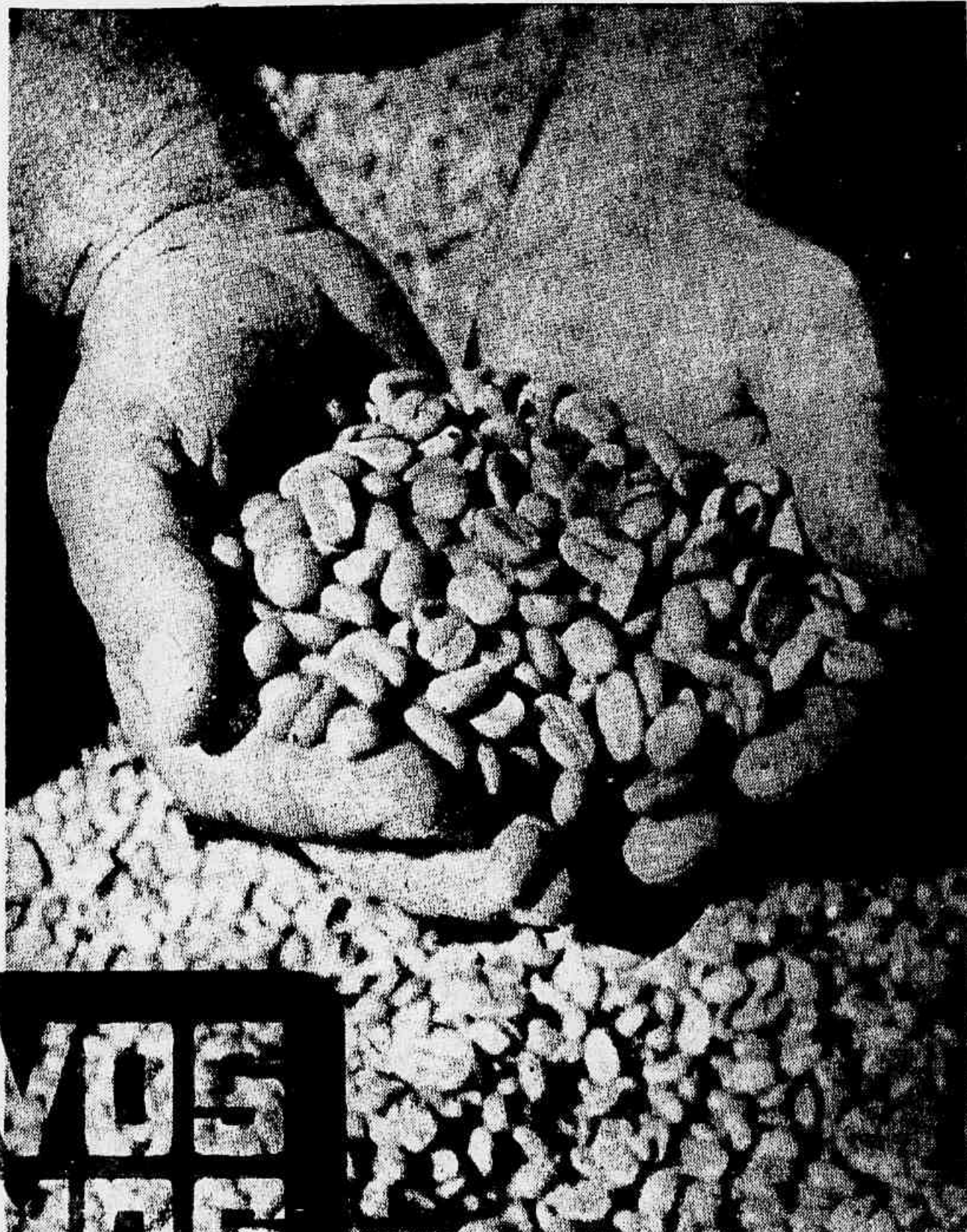
Rua Juan Pablo Duarte, 50

— sobrado — tel. 22-1613

RIO DE JANEIRO

Única Saída Visível Para Um Sistema De Estrangulamento

RENATO ARENA



NOVOES FILMOS



O sr. Rui Gomes de Almeida é dos que se vangloriam do título de inimigo ferrenho das relações com a URSS. Na semana passada, ele brindou novamente o público brasileiro com um pronunciamento contrário a essas relações, desta vez muito aborrecido com a decisão do Governo de enviar uma Missão oficial a Moscou para tratar do reatamento com os soviéticos. Por que razão o Sr. Rui Gomes de Almeida é contra?

«Alguém me acusou de Igreja», disse ele, na reunião do Conselho Diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro; e ele mesmo reconhece algum fundamento na acusação, afirmando mesmo que tem contatos íntimos com Deus. De fato, disse, «cumprimento e falo com Ele». Será nesses colóquios celestiais que o sr. Gomes de Almeida recebe diretamente de Deus, a incumbência de combater o reatamento com os soviéticos? A esse propósito não opinamos, mas o certo é que os argumentos que o sr. Gomes de Almeida apresenta, como armas da sua cruzada pela fé, são extremamente precários, batidos, desdentados. Afirma, em resumo, que os soviéticos não nos podem comprar senão — e muito pouco — café, e tudo o que nos queiram comprar além do café, bem como tudo o que nos queiram vender, não poderemos vender nem comprar sem prejudicar os nossos «mercados tradicionais».

No correr desta nota procuraremos mostrar quão frágeis e falsas são essas afirmações do Sr. Gomes de Almeida; de modo algum podemos nos convencer de que elas expliquem a hostilidade demonstrada por esse dirigente da Associação Comercial — homem traquejado e inteligente — às relações com os soviéticos; e muito menos ainda que, por trás delas, se esconda a própria mão do Espírito Santo.

Parece haver um defeito na aparelhagem transmissora da mensagem celestial. O Sr. Gomes de Almeida então cuidou de interpretá-la segundo os seus interesses particulares; porque, estes sim, explicam a sua posição de hostilidade.

O Sr. Rui Gomes de Almeida é dos que nada têm a ganhar, e talvez tenha alguma coisa a perder, com o estabelecimento de relações comerciais intensas entre o Brasil e a União Soviética. Sua atividade é o comércio, e ele dirige uma associação de comerciantes particulares, muitos dos quais norte-americanos, ou diretamente ligados a empresas americanas em nosso país; no outro lado, é sábio que o comércio com a URSS dará pouca oportunidade a um certo número de intermediários particulares, que perderão uma parte das encomendas que atualmente recebem para importações da América do Norte, ou da Europa Ocidental.

QUEM É A FAVOR

Tais fatos explicam porque uma parte dos membros da Associação Comercial persiste em hostilizar o reatamento com a URSS. Mas, nem sequer na Associação Comercial há uma unanimidade contra as relações com os soviéticos, e muitos outros setores da burguesia, sobretudo da burguesia industrial, são favoráveis a essas relações. E' também conhecida a posição favorável dos cafeicultores, bem como de outros setores ligados à produção de artigos de exportação, como o algodão e o cacau.

Tampouco há necessidade de procurar o dedo de Deus, ou do comunismo, para explicar essa posição favorável ao comércio com a URSS. A razão disso pode ser dita numa só frase: necessidade, para os industriais, de importar equipamentos para suas fábricas, e, para os que produzem artigos de exportação, como o algodão e o cacau, e seus produtos — sobretudo de café, os quais se acumulam nos portos, sem outro mercado possível para eles senão os países socialistas.

Com efeito, os industriais e o próprio Governo Brasileiro — que é o maior empresário industrial do país — necessitam de divisas para importar equipamentos e matérias-primas para suas fábricas e usinas. Fora da área socialista, eles só podem obter tais equipamentos e matérias-primas na chamada área de «moeda conversível»,

ou seja, os Estados Unidos e a Europa Ocidental. Ocorre, entretanto, que toda a receita brasileira em moedas «conversíveis» (866 milhões de dólares em 58, e provavelmente menos do que isso em 59) já está comprometida por importações e pagamentos inadmissíveis.

E' sabido que, nos próximos quatro anos, para pagamento de amortizações e juros de empréstimos, e outros serviços governamentais, essa receita está comprometida à razão de 400 milhões de dólares por ano; acrescenta-se a isso o pagamento obrigatório das importações de petróleo (ainda por alguns anos não serão inferiores a 250 milhões de dólares por ano), o «inevitável» déficit no movimento de capitais particulares (em média de 100 milhões por ano) e mais as despesas igualmente «inevitáveis» com turismo (US\$ 25 milhões), «outros serviços» (remessas de lucros disfarçados: US\$60 milhões) e «donativos particulares» (também remessas de lucros disfarçados: US\$ 21 milhões), além dos US\$ 100 milhões, aproximadamente, que anualmente perdemos com outras remessas ilegais de lucros para o exterior, mas que aparecem no balanço de pagamentos da SUMOC sob o título de «erros e omissões» e teremos o quadro completo: não resta um só centavo de dólar para as importações necessárias ao parque industrial do país.

SAIDA PARA O CAFÉ

A consequência disso, por um lado, é o crescente endividamento do país no exterior, pois uma série de importações nem por isso deixam de ser feitas, em moedas «inconvertíveis»; e, por outro lado, o acúmulo de pedidos de importação, para empresas industriais, não aprovados ou aprovados com extrema lentidão pela SUMOC, uma vez que este órgão, obviamente, prefere fazer «cortes» nas importações de equipamentos a cortar nas remessas de lucros.

E' portanto evidente o interesse que têm os industriais e o Governo brasileiro em importar os equipamentos e matérias-primas industriais de que necessitam fora da área de moeda inconvertível; e a única possibilidade que têm de fazê-lo está no comércio com a URSS e os demais países socialistas. Na questão do café, a situação é igualmente clara. No corrente ano, para uma oferta de 36 milhões de sacas de café, serão exportadas, no máximo 17 milhões; restarão, portanto, 19 milhões de sacas como excedente, para 1960. Neste ano, entretanto, os técnicos prevêem que a produção excederá novamente a exportação em mais de 6 milhões de sacas, o que elevará o volume de excedentes para 25 milhões. E esta cifra continuará atingindo alturas mais extravagantes, cada ano, ocasionando preços cada vez mais vis para a saca do produto, a menos que ocorra uma geada catastrófica, ou... que o país conquiste para o café o imenso mercado virgem dos países socialistas.

Se, quanto ao cacau, não há esse problema agudo de excedentes, não deixa por isso de ser igualmente grande, para esse produto baiano, o interesse dos mercados socialistas. A capacidade brasileira de produzir e exportar cacau não está esgotada e, pelo contrário, é bem maior do que o seu nível atual. Em 1958, o país exportou 109 milhões de dólares desse produto, enquanto havia exportado 122 milhões em 1955; no mesmo período, segundo o último relatório do Banco do Brasil, a participação do Brasil na produção cacaueteira mundial caiu de 21 para 19 por cento; em números absolutos, a produção brasileira, entre 55 e 58, caiu de 170 para 160 mil toneladas. Está claro que, ao contrário do que afirmam os Rui Gomes de Almeida, a abertura de um novo mercado para o cacau é não apenas possível, mas altamente desejável.

Em outros setores da exportação brasileira há igual interesse pelo mercado soviético e socialista. Qual é, por outro lado, a possibilidade concreta que tem a União Soviética de absorver os nossos produtos de exportação, trocando-os pelos equipamentos e matérias-primas industriais de que tanto necessitamos? Em nossa próxima e última nota abordaremos este aspecto da questão.